

Fernando Bustamante

Freud,  
entre o feminino e o patriarcado

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em

Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica

Orientador: Oscar Miguez

COGEAE- PUC/SP

2015

## Freud, entre o feminino e o patriarcado

### Resumo:

O presente trabalho procura retomar sumariamente a evolução do conceito de feminino/feminilidade na obra de Freud e alguns dos principais conceitos correlatos, como sexualidade, complexo de Édipo, complexo de castração, inveja do pênis, falocentrismo, monismo sexual, entre outros que possam contribuir para a compreensão da visão de feminilidade presente na obra de Freud e como se deu seu desenvolvimento e suas transformações.

Em seguida, tendo em vista esse desenvolvimento, toma-se uma bibliografia crítica que analisa algumas das principais contribuições trazidas pela obra freudiana acerca da sexualidade, da moral sexual e da feminilidade, bem como quais são as principais contradições que apresenta em decorrência das limitações de uma visão ainda restrita aos limites de uma sociedade conservadora e patriarcal. A partir disso, a intenção é ter uma visão de quais aspectos da obra de Freud seguem atuais para a compreensão da sexualidade, da moral sexual e do papel social e psíquico da mulher, e quais deles devem ser criticamente abordados para que se possa superá-los. Também procura discutir quais motivos levaram Freud às eventuais limitações de sua obra no que tange esses aspectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud; sexualidade feminina; patriarcado; feminilidade; moral sexual; complexo de Édipo.

Às mulheres,  
que a cada dia em que se colocam a lutar pelo seu direito à vida,  
lutam também por uma humanidade melhor.

A Helena Grinover (*in memoriam*).

A Marcia Melo (*in memoriam*).

## Agradecimentos

À minha família, que sempre me apoiou e tornou possível que eu transformasse o desejo de estudar o psiquismo em algo concreto.

Aos professores do curso de Teoria Psicanalítica do COGEAE, que nos iniciaram nessa longa estrada.

Ao meu orientador, Oscar Miguelez, que me ajudou a dar os primeiros passos nessa pesquisa e de forma paciente e persistente me auxiliou no caminho de sua realização.

À Norma B. S. Miguelez, cujo livro foi o primeiro alento no caminho de ver que a reflexão sobre às mulheres na psicanálise transcendia o pensamento freudiano e podia se reconciliar com uma visão materialista e histórica.

À Camila Farão, que me deu o empurrão que eu precisava para acreditar que eu podia seguir esse caminho. E por sempre acreditar em mim.

À Lívia Marina Puppa, que durante o caminho de pedras que foi esse ano, foi a mais fiel, amorosa e firme companheira, que mesmo com seus próprios fantasmas não largou minha mão.

À Samanta Esteves, pela carinhosa e inspiradora amizade entre dois esquisitos, que se tornou tão valiosa nesse mundinho sombrio.

À Jackeline Vagliengo, Marcela Darido, Gabriela Miranda, Bruna Cananea. Pelas lições e a luta de todos os dias, pela inspiração e admiração. Pelos seus sonhos, que permanecem vivos.

À Mauren Newman, por essa mão estendida que me ajuda a não cair. Por estar aí para mim, por me deixar estar aqui para você.

A todas essas e tantas outras mulheres, que me ensinaram mais sobre a vida e a luta do que jamais poderei expressar.

Sumário:

Introdução.....1

PARTE I – Revisão bibliográfica de textos de Freud

1. O feminino presente nas primeiras investigações de Freud.....2

2. A primeira “revolução sexual” de Freud: Três Ensaio sobre uma teoria da sexualidade (1905).....3

2.1 As perversões e a sexualidade não-genital.....3

2.2 A sexualidade infantil.....8

2.3 Diferenciação entre homens e mulheres.....13

3. A organização genital infantil (1923).....16

4. A dissolução do complexo de Édipo (1924).....18

5. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925).....22

6. Sobre a sexualidade feminina (1931) e Feminilidade (1933).....25

PARTE II – Discussão sobre a obra de Freud e seu legado

1. A ruptura com a degenerescência-hereditariedade.....34

2. Freud e sua relação com a moral sexual.....37

3. Universal e particular.....42

4. Complexo de Édipo.....46

5. Mulher: o “menos um” do patriarcado.....50

6. Mulheres hoje.....59

Referências bibliográficas.....68

## **Introdução**

No presente trabalho, procuramos partir do estudo da evolução do pensamento de Freud no que se refere a alguns conceitos fundamentais ligados à questão do feminino. Queremos abordar as questões da sexualidade, do complexo de Édipo e de castração, da inveja do pênis, da relação entre características anatômicas, psíquicas e socioculturais no processo de maturação dos indivíduos.

A partir da abordagem de alguns dos textos centrais da obra freudiana a esse respeito, pretendemos nos referir a uma bibliografia crítica posterior a Freud que discute a pertinência de suas elaborações ou não e o contexto em que elas foram desenvolvidas. Para podermos compreender o contexto do desenvolvimento teórico e clínico de Freud, é necessário situá-lo em sua dimensão histórica e social, e, fundamentalmente, pensar a relação do autor com o patriarcado e a visão masculina e da sociedade de sua época sobre o papel social das mulheres.

Uma investigação desse tipo é fundamental para podermos refletir qual contribuição a obra de Freud trouxe para a questão feminina, o entendimento da moral sexual de nossa sociedade, a compreensão do que é o patriarcado e a correção de seus postulados teóricos e a atualidade destes e de suas práticas clínicas. Isso possui um interesse que não é meramente historiográfico, mas fundamentalmente para balizar as reflexões contemporâneas sobre o papel social das mulheres hoje em dia e qual o papel que têm os psicanalistas no contexto atual. Sem uma reflexão assim, corremos o sério risco de nos restringirmos ao papel de meros reprodutores de uma ordem social cujas causas mais profundas ignoramos, naturalizando o seu funcionamento e podendo mesmo recair na perigosa função de normalizadores sociais, patologizando comportamentos que estejam na contramão dessa ordem social.

Por isso, pretendemos concluir a monografia, após a reflexão crítica sobre a produção de Freud, com um olhar sobre a situação das mulheres no mundo contemporâneo, questionando se o contexto fundamental no qual Freud elaborou seus escritos – o patriarcado – segue ou não vigente, e qual é o papel que pode cumprir a psicanálise no que se refere ao feminino e as mulheres nos dias de hoje.

## O feminino presente nas primeiras investigações de Freud

Quando Freud passa de sua prática como neurologista para a investigação psíquica que daria origem à psicanálise, ele o faz com base na investigação clínica da histeria. É a decisão de tentar entender o sofrimento que era silenciado pelo conhecimento médico que permite a Freud dar os primeiros passos nas questões centrais que o afastariam da medicina tradicional baseada no diagnóstico por lesão e trariam ao primeiro plano o sofrimento psíquico.

A histeria era uma doença predominantemente feminina, e, assim, ao começar a estudá-la a fundo já se colocava desde o início para a psicanálise a questão do feminino. Não demorou para que Freud enxergasse na sexualidade um ponto nevrálgico da etiologia da histeria, o que inclusive foi a pedra de toque para as divergências que o afastaram de seu primeiro parceiro nessa investigação, Joseph Breuer.

De seus *Estudos sobre a histeria*, de 1895, decorre a primeira tentativa de compreensão etiológica de Freud, pautada na teoria da sedução. Aí estão implicados não apenas a importância da sexualidade, mas também surge outro elo fundamental da teoria psicanalítica, que é o papel decisivo desempenhado pelas experiências infantis no desenvolvimento ulterior do psiquismo, bem como o fator preponderante do inconsciente como lugar onde se aferra o material reprimido que irá originar as neuroses. Até o momento, o fato de que sejam fundamentalmente as mulheres que sofram de histeria, não parece se destacar entre as preocupações de Freud.

## 1. A primeira “revolução sexual” de Freud: Três Ensaios sobre uma teoria da sexualidade (1905)

### 1.1 As perversões e a sexualidade não-genital

Em setembro de 1897, Freud escreve sua famosa carta (Carta 69) a seu amigo e colaborador Wilhelm Fliess em que afirma “não acreditar mais em sua neurótica”, ou seja, que abandona sua teoria da sedução, segundo a qual a histeria teria origem sempre em um episódio de abuso sexual durante a infância praticado de forma quase invariável pelo pai da menina ou, senão, por um adulto. O abandono dessa teoria ocorre, segundo Freud, por dois motivos: em primeiro lugar se colocam os fracassos na sua prática clínica; em segundo, a confiar plenamente nos relatos obtidos de sua experiência clínica, o abuso sexual paterno ocorreria numa frequência que ele julgou pouco verossímil.<sup>1</sup> Freud começa a entender que o material psíquico inconsciente desentranhado pelo trabalho analítico não consistia apenas em memórias reprimidas, mas também em fantasias, desejos, enfim, uma série de conteúdos que, por diversos motivos, o sujeito não podia trazer ao seu consciente. A repressão é uma forma de defesa psíquica.

Daqui, podemos averiguar bem a forma como Freud procedia no desenvolvimento de sua teoria: partindo da experiência clínica, ele elabora sua metapsicologia procurando teorizar e generalizar os fenômenos encontrados nos pacientes. Essa teoria, contudo, deve ser verificada novamente na sua prática clínica, sendo colocada à prova a partir de novas evidências, novos casos. A impossibilidade de sustentação de algum aspecto teórico a partir de verificação clínica sempre levava Freud à reelaboração de sua metapsicologia, o que ele fez incessantemente.

A partir do abandono da teoria da sedução, há uma inversão importante na forma como Freud enxerga o material psíquico inconsciente que se apresenta a ele na

<sup>1</sup> FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. P. 265.

prática clínica. Se antes via as crianças como vítimas traumatizadas pela sedução exercida pelos pais, agora passará a ver a criança como sujeito de sua sexualidade, criadora de fantasias cheias de desejo pelos seus pais. Não mais um objeto da sexualidade alheia, a própria criança é sujeito desejante e dotado de sexualidade.

A repressão desses desejos surge como a interdição da cultura, a proibição do incesto, que é imposta à criança. Aí está já todo o esqueleto do complexo de Édipo, cuja elaboração completa seria realizada por Freud ao longo das próximas décadas. Vale ressaltar, desde já, a importante observação feita por Nora Beatriz S. de Miguez em seu livro *Complexo de Édipo*:

Poder-se-ia dizer que a teoria da sedução trazia já nela o que viria a ser o complexo de Édipo, trocando o sujeito pelo objeto e vice-versa. (...) desde o início da produção de Freud, não se trata, naquilo que virá a ser o complexo de Édipo, do triângulo “papai, mamãe, nenê”. Esse complexo encontrará seu lugar entre o sujeito e a cultura.<sup>2</sup>

Dois textos fundamentais escritos paralelamente foram de grande importância para apresentar essas novas concepções sobre a sexualidade: *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (1901 – mais conhecido como “O caso Dora”) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Em Dora, vemos a aplicação concreta dessas investigações na análise de uma jovem histérica; nos três ensaios, surge a teorização a respeito de tais concepções. James Strachey, em seu prefácio aos três ensaios, afirma que: “*Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, juntamente com A Interpretação dos Sonhos, figuram sem dúvida como as contribuições mais significativas e originais de Freud para o conhecimento humano.*”<sup>3</sup>

Duas noções apresentadas por Freud eram francamente chocantes em relação às ideias sobre sexualidade em seu tempo: em primeiro lugar, a que já citamos, sobre a existência da sexualidade infantil; em segundo, sua concepção sobre as chamadas “perversões”, que ele aponta como um grau mais acentuado de aspectos que estão

<sup>22</sup> MIGUELEZ, Nora B. Susmansky de. *Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 34.

<sup>3</sup> STRACHEY, J. Introdução a Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras Completas. Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. P. 77.

presentes em todos. Como exemplo, Freud cita o beijo, que em si não possui nenhuma finalidade reprodutiva. Questionando esse aspecto, o objetivo de Freud está em demonstrar que a sexualidade humana está muito além da genitalidade, está associada ao desejo, ao prazer, e, assim, extrapola o campo do estritamente biológico e anatômico para ter uma dimensão psíquica que é determinante.

Freud inicia tratando da homossexualidade, que, no jargão médico da época, era tratada como “inversão”. Combate tenazmente a concepção hegemônica de que se trataria de uma “degeneração”, e afirma que

Tornou-se costume imputar à degeneração todos os tipos de manifestação patológica que não sejam de origem diretamente traumática ou infecciosa. A classificação dos degenerados feita por Magnan faz com que nem mesmo a mais primorosa conformação geral da função nervosa fique excluída da aplicabilidade do conceito de degeneração. Nessas circunstâncias, pode-se indagar que benefício e que novo conteúdo possui em geral o juízo “degeneração”.<sup>4</sup>

Baseando-se nas alegações tanto históricas, que recorrem à grande frequência e generalidade com que a homossexualidade ocorria e era aceita em povos antigos, quanto no fato de que não existe nenhum “desvio” (intelectual, de caráter, de capacidades cognitivas etc.) associado a essa, Freud demonstra que essa noção está fundada puramente na discriminação e no preconceito travestido de ciência. Para isso, é importante notar que ele se vale não apenas de argumentos médicos, biológicos, quanto à improcedência da “degeneração nervosa”, mas também de argumentos culturais e históricos, ainda que frequentemente, como veremos em outros momentos, Freud os combine de forma confusa com questões “naturais”, como quando afirma: “mesmo entre os povos civilizados da Europa, o clima e a raça exercem a mais poderosa influência sobre a disseminação e o juízo que se faz da inversão.”<sup>5</sup>

<sup>4</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 85.

<sup>5</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 86.

É evidente que não se trata de “raça” ou “clima”, mas sim de cultura e história de cada um desses povos. Ainda assim, é de valor inestimável a contribuição de Freud para que, no início do século XX, se abandonasse a concepção de que os homossexuais são “degenerados”; tal concepção só seria oficialmente aceita na ciência médica muito depois. Ele ainda afirma indiretamente que a repressão à livre expressão sexual é um dos motivos para que a homossexualidade permaneça tão marginalizada e apresente poucos adeptos assumidos: “Acima de tudo, há o entrave autoritário da sociedade; quando a inversão não é considerada um crime, vê-se que ela responde plenamente às inclinações sexuais de um número nada pequeno de indivíduos.”<sup>6</sup>

É interessante notar que Freud se apoia, como sempre o faz, no anatômico; contudo, aqui, diferente de outros trabalhos seus, insiste na diferenciação entre ambos. Ao aceitar a ideia de uma predisposição bissexual desde a infância, Freud refuta, simultaneamente, a ideia de uma relação de reciprocidade entre o hermafroditismo somático e a predisposição bissexual ou homossexual. Aqui, portanto, anatomia não é destino. Um trecho é digno de nota, pois a nosso ver parece contrastar de escritos tardios de Freud que abordaremos posteriormente. Trata-se de um argumento de sua refutação à teoria que chama de “doutrina da bissexualidade”: “A doutrina da bissexualidade foi exprimida em sua mais crua forma por um porta-voz dos invertidos masculinos: 'um cérebro feminino num corpo masculino'. Entretanto, ignoramos quais seriam as características de um 'cérebro feminino'.”<sup>7</sup> Ocorre, no entanto, que nesse mesmo texto, Freud aponte como “atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência”<sup>8</sup>, o que demonstra que há, mesmo aqui, uma concepção subjacente ao texto do que seria o “cérebro feminino”.

Nesse primeiro ensaio, dedicado às perversões, o que há de inovador é a forma como Freud desfaz essa série de preconceitos erigidos contra os “perversos”. E ele o faz trazendo um aspecto da dialética de Hegel, sobre a relação entre quantidade e

<sup>6</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 139.

<sup>7</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 89

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

qualidade, mostrando que há um pouco daquilo que se chama “perverso” em todos, a questão é justamente que está presente em doses “socialmente aceitáveis”. Nas palavras de Freud:

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. (...) Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos.<sup>9</sup>

Isso consiste uma lição que Freud utilizará em toda a sua prática e teoria, sempre procurando nos fenômenos patológicos a intensificação de sintomas que são também encontráveis no psiquismo “normal”, ou seja, a compreensão de que entre patologia e normalidade o que há é uma distinção de grau, que ao se aprofundar se transforma em uma nova qualidade psíquica. Nesse caso, Freud utiliza os critérios de exclusividade e fixação como parâmetros para classificar o que é patológico ou não.

Essa questão, contudo, da fronteira entre o “normal” e o patológico, é e provavelmente sempre será um dos grandes desafios que enfrentaremos. Particularmente em uma sociedade como a contemporânea, com uma notável hipermedicalização e patologização de todos os aspectos da vida, retomar a reflexão sobre os critérios que norteiam nosso critério classificatório sobre as patologias psíquicas é uma tarefa urgente.

A noção de perversão discutida por Freud no texto está a serviço de embasar a concepção controversa que Freud apresenta de que a sexualidade está além da atividade reprodutora ou mesmo genital. A resistência a essa ideia seria tal que ele teria que defendê-la em diversas ocasiões, tal como na sua Conferência introdutória à

<sup>9</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 98.

psicanálise de número XXI, de 1916-17, fazendo uma analogia com o conceito de psíquico:

Enquanto para a maioria das pessoas, “consciente” e “psíquico” são a mesma coisa, fomos obrigados a ampliar o conceito de “psíquico” e reconhecer como “psíquico” algo que não é “consciente”. Exatamente do mesmo modo, enquanto outras pessoas declaram serem idênticos o “sexual” e o “referente à reprodução” (ou, se preferirem resumir mais, o “genital”), não podemos evitar de postular a existência de algo “sexual” que não é “genital” – que não tem nenhuma relação com a reprodução. Aqui, a similitude é apenas formal, mas não deixa de ter um fundamento mais profundo.

E, a seguir, relaciona essa imensa resistência a reconhecer a ampliação do escopo da sexualidade justamente à repulsa causada pelas perversões – repulsa essa que seria o produto de um recalque bastante firmado:

Se, contudo, a existência das perversões sexuais é um argumento tão decisivo nessa questão, por que depois de tanto tempo ainda não deu resultado e definiu a questão? Realmente, não sei dizer. Acredito que se relaciona com o fato de essas perversões sexuais estarem sujeitas a uma condenação muito especial, que chegou mesmo a afetar a teoria e se opôs à avaliação científica delas. É como se ninguém pudesse esquecer que elas não são apenas algo repulsivo, mas também algo monstruoso e perigoso – como se as pessoas as sentissem como sedutoras e, no fundo, tivessem de sufocar uma secreta inveja daqueles que as experimentam.<sup>10</sup>

## 1.2 A sexualidade infantil

O outro aspecto revolucionário presente nos três ensaios é a apresentação da sexualidade infantil, que continua sendo negada até hoje pelo senso comum e mesmo uma considerável parcela de médicos e psicólogos. Freud afirma que essa recusa da sexualidade nas crianças “(...) não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de

<sup>10</sup> FREUD, S. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras Completas, Volume XVI*. Rio de Janeiro: Imago. P. 56.

graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual.”<sup>11</sup> E afirma que, na literatura médica, os casos relatados de sexualidade explícita na infância têm sido tratados como “processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce.” E que “Nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância, e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre ‘Desenvolvimento Sexual’ costuma ser omitido.”<sup>12</sup>

Freud dá então um panorama do desenvolvimento da sexualidade, no qual expõe a teoria de que a amnésia infantil, que nos oculta as memórias da primeira infância, seria um processo de recalçamento semelhante ao que se encontra na neurose histérica, e aventa a hipótese de que seria em decorrência das experiências sexuais. No período de latência – que para Freud consiste em um período de baixa atividade sexual entre a primeira infância e a puberdade –, a libido infantil encontraria um caminho sublimatório em que se desviaria das moções sexuais propriamente ditas para construir os diques, ou seja, as barreiras da moralidade, do asco, vergonha, ideais estéticos. Esses diques estreitam a realização da pulsão sexual da criança, e sobre sua conformação, Freud afirma:

Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. Esta fica inteiramente dentro do âmbito que lhe compete ao limitar-se a seguir o que foi organicamente prefixado e imprimir-lo de maneira um pouco mais polida e profunda.<sup>13</sup>

Notamos nessa passagem o ponto em que Freud apresenta uma concepção mais agudamente biológica e inatista do desenvolvimento sexual do que a que

<sup>11</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 106.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>13</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 108.

fundamenta a maior parte das teorias presentes nesses ensaios. Esses diferentes tons que podemos perceber, que levam a uma desarmonia em algumas concepções do texto, Freud mesmo explicou em outra ocasião:

Os leitores de meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* dar-se-ão conta de que jamais empreendi qualquer remodelação completa dessa obra em suas edições posteriores, tendo, porém, mantido a disposição original e acompanhado os progressos efetuados em nosso conhecimento mediante interpolações e alterações no texto. Assim procedendo, pode amiúde ter sucedido o que era velho e o que era mais recente antes não admitirem ser fundidos em um todo inteiramente não contraditório.<sup>14</sup>

Assim, não é de se espantar que no prefácio escrito em 1914 Freud afirme sobre o seu texto de 1905 que “Ao longo de todo ele (...) dá-se prioridade aos fatores acidentais, deixam-se em segundo plano os fatores disposicionais, e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético. É que o acidental desempenha na análise o papel preponderante (...) o disposicional só vem à luz por trás dele.”<sup>15</sup> Mesmo quando procura afirmar os diques como um fator disposicional da espécie.

Freud, podemos notar, assenta seus três ensaios numa espécie de “meio do caminho”, no qual toma como ponto de partida e interlocutores os achados da biologia, até como uma forma de tentar conferir um ar de “cientificidade” para a psicanálise, mas, ao mesmo tempo, em seu prefácio de 1914 também procura reafirmar a independência da psicanálise como campo de conhecimento com métodos investigativos e conclusões próprias:

Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das espécies animais em particular, no estudo da função sexual do ser humano que nos é possibilitado pela técnica da psicanálise. A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar

<sup>14</sup> FREUD, S. A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago. P. 87.

<sup>15</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 81.

sobre a biologia da vida sexual humana com os meios acessíveis à investigação psicológica; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia porque me desconcertar com o fato de o método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica.<sup>16</sup>

Essas questões, que surgem explicitadas pelo próprio Freud em seu prefácio nove anos depois da publicação original dos três ensaios, são absolutamente essenciais para a discussão da noção de sexualidade e feminilidade em Freud, como pretendemos demonstrar com o avançar de suas próprias concepções. É digno de nota, no entanto, que ao mesmo tempo em que defende a fixidez hereditária dos diques, nesses mesmos ensaios ele aponte – em sua primeira versão – a barreira do incesto como fixada por exigências culturais:

O respeito a essa barreira é, acima de tudo, uma exigência cultural da sociedade, esta tem de se defender da devastação, pela família, dos interesses que lhe são necessários para o estabelecimento de unidades sociais superiores, e por isso, em todos os indivíduos, mas em especial nos adolescentes, lança mão de todos os recursos para afrouxar-lhes os laços com a família, os únicos que eram decisivos na infância.<sup>17</sup>

Já em 1915, em uma nota de rodapé acrescida ao texto, Freud irá afirmar que a barreira do incesto é fixada pela hereditariedade, da mesma forma que o amor incestuoso. Em seus três ensaios, Freud realiza uma cuidadosa exposição do desenvolvimento das zonas erógenas, que se pauta tanto na observação das crianças quanto no conhecimento fornecido pela biologia. Aqui, o autor faz uma exposição que parte de discutir em detalhes as necessidades biológicas de autoconservação, como a amamentação, que são satisfeitas com a ajuda do outro e estimulam determinada região erógena, como a mucosa da boca. A essa satisfação, ligada a um objeto externo que a propicia, como o seio, se segue a satisfação autoerótica por estimulação da própria criança – o chuchar –, constituindo o que Freud denominaria posteriormente

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>17</sup> Idem, p. 137.

como apoio – a necessidade biológica das funções de autoconservação fornecem a base para o desenvolvimento autoerótico. Não apenas, no entanto, a satisfação autoerótica é desenvolvida, mas também a satisfação da amamentação conduz ao investimento do primeiro objeto sexual, o seio, que fornece a base para o amor sexual em relação à mãe.

Ele estabelece uma íntima relação entre o percurso desse desenvolvimento sexual e a etiologia de futuras neuroses, ressaltando, nesse primeiro momento de investigação, uma relação quase direta de causa e efeito entre essas questões, primando, portanto, uma ideia que se faz fortemente presente de um desenvolvimento “normal”:

O onanismo do lactante parece desaparecer após um curto prazo, mas seu prosseguimento ininterrupto até a puberdade pode constituir o primeiro grande desvio do desenvolvimento a que se aspira para os seres humanos inseridos na cultura. Em algum momento da infância posterior ao período de amamentação, comumente antes do quarto ano, a pulsão sexual dessa zona genital costuma redespertar e novamente durar algum tempo, até ser detida por uma nova supressão, ou prosseguir ininterruptamente. As circunstâncias possíveis são muito variadas e só é viável apreciá-las mediante uma análise mais rigorosa dos casos individuais. Mas todos os detalhes dessa *segunda* fase de atividade sexual infantil deixam atrás de si as mais profundas marcas (inconscientes) na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, caso ela permaneça sadia, e a sintomatologia de sua neurose, caso venha a adoecer depois da puberdade.<sup>18</sup>

A ideia de que a sexualidade “normal” é o produto de um desenvolvimento longo e cheio de meandros é muito reforçada pela concepção de Freud de que a sexualidade infantil possui, antes que sejam erguidos os diques, uma predisposição perversa polimorfa, que ele apresenta, nesse texto, da seguinte forma: “É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas (...)”<sup>19</sup> E, é digno de nota que Freud afirme que “Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se

<sup>18</sup> Idem, p. 115.

<sup>19</sup> Idem, p. 116.

conserva a mesma disposição perversa polimorfa.”<sup>20</sup> Assim, Freud reconhece que “(...) é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário.”<sup>21</sup>, e vê o desenvolvimento sexual como a imposição de barreiras (diques), que vão restringindo o exercício dessa sexualidade e subordinando-a ao fim da reprodução. Por isso, em outra ocasião, Freud afirmou que:

Nesse aspecto, não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal, a não ser o fato de que seus instintos componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais são diferentes. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder.<sup>22</sup>

### 1.3 Diferenciação entre homens e mulheres

Já nos três ensaios Freud coloca a questão da diferenciação entre homens e mulheres, afirmando que, a partir da puberdade, essa distinção configura um “(...) contraste que tem, a partir daí, uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana.”<sup>23</sup> Em sua opinião, antes da puberdade aparecem distinções, que, no entanto, não são de primeira ordem. Entre elas, Freud aponta:

É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a tendência ao recalçamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> Idem, ibidem.

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

<sup>22</sup> FREUD, S. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras Completas, volume XVI*. Rio de Janeiro: Imago. P. 57.

<sup>23</sup> FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago. P. 134.

<sup>24</sup> Idem, ibidem.

Contudo, afirma que em relação às manifestações autoeróticas e masturbatórias das meninas, elas possuem “um caráter inteiramente masculino”<sup>25</sup>. Ainda, em relação à libido, propõe que:

A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, que ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher.<sup>26</sup>

Para chegar a essa concepção, Freud parte da noção de bissexualidade, considerando-a como “o fator decisivo”, sem o qual é impossível entender as manifestações sexuais masculinas e femininas. Assim, ainda que, como ele próprio assinala, as formulações aqui apresentadas de masculino e feminino careçam de um conteúdo preciso, há uma inovação fundamental na maneira de compreender essa polaridade que é a de que existiria uma espécie de gradação, onde cada polo está permeado por características do polo oposto. Esse é o primeiro passo decisivo que a psicanálise dá no sentido que se consolidaria apenas muitas décadas depois, de enxergar sexo e gênero como aspectos distintos, e perceber que a noção de masculino e feminino está situada de forma independente da constituição anatômica.

Aqui, Freud ressalta ainda algumas características que entende como femininas partindo da analogia anatômica entre pênis e clitóris e do que afirma ser uma transição que ocorre nas meninas púberes da sexualidade clitoridiana para a vaginal:

A puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingue-se, na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. O que assim sucumbe ao recalçamento é uma parcela de sexualidade masculina. O reforço das inibições sexuais criado por esse recalçamento da puberdade na mulher fornece então um estímulo à libido do homem, e obriga a um aumento de sua atividade; com essa intensificação da libido aumenta também a supervalorização sexual, que só aparece plenamente diante da mulher que recusa, que renega sua sexualidade. (...) Nessa mudança da zona erógena dominante, assim como

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

<sup>26</sup> Idem, ibidem.

na onda de recalçamento da puberdade, que elimina, por assim dizer, a masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade.<sup>27</sup>

Assim, Freud vê na puberdade feminina uma mudança de zona erógena predominante que acarreta em uma reorganização da sexualidade, com o recalçamento de um componente masculino de sua sexualidade e uma possibilidade de fatores etiológicos para a neurose.

A diferenciação sexual nos três ensaios aparece também nos esboços que Freud apresenta do complexo de castração, ao desenvolver a sessão introduzida em suas últimas revisões acerca das pesquisas sexuais infantis, indicando a inveja do pênis que se fazia presente nas meninas. Ainda, tratando do desejo sexual em relação aos pais, que Freud afirma que retornam na puberdade, devendo ser superados em conjunto com a dependência dos pais, Freud afirma que:

Em cada uma das etapas do curso de desenvolvimento por que todos os indivíduos são obrigados a passar, um certo número deles fica retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram deles sua ternura, ou só o fazem de maneira muito incompleta. Em sua maioria, são moças que, para a alegria dos pais, persistem em seu amor infantil muito além da puberdade, e é muito instrutivo constatar que é a essas moças que falta, em seu posterior casamento, a capacidade de dar ao marido o que é devido a ele. Tornam-se esposas frias e permanecem sexualmente anestesiadas. Com isso se aprende que o amor sexual e o que parece ser um amor não-sexual pelos pais alimentam-se das mesmas fontes, ou seja, o segundo corresponde apenas a uma fixação infantil da libido.<sup>28</sup>

Procurando sintetizar a definição que Freud apresenta da feminilidade em seus três ensaios, Miguelez enfatiza:

<sup>27</sup> Idem, p. 135.

<sup>28</sup> Idem, p. 138.

Podem-se sublinhar, então, duas condições que especificam a feminilidade: o maior recalque da sexualidade e uma incidência muito grande de fracassos na superação da escolha infantil, incestuosa, de objeto.

Por tudo isso, são características femininas as inibições, a passividade, a submissão, o infantilismo e a tendência às neuroses, em especial à histeria.<sup>29</sup>

## 2. A organização genital infantil (1923)

Nesse texto de capital importância para a teoria da sexualidade de Freud ele irá introduzir a noção de uma fase no desenvolvimento sexual infantil anteriormente não abordada, e que se situaria entre a fase sádico-anal e a organização genital, em que as pulsões parciais estariam organizadas sob a primazia da genitalidade. A essa nova fase aqui apresentada, Freud dá o nome de fálica, e, paralelamente à sua introdução como hipótese de desenvolvimento sexual, ele irá rever sua concepção sobre a diferença entre a primazia da genitalidade na infância. O autor coloca nos seguintes termos, referindo-se à revisão crítica do que apresentou nos três ensaios:

Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. (...) no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa 'organização genital infantil' é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*.<sup>30</sup>

Contudo, nesse primeiro momento Freud afirma que essa descoberta é válida apenas para os meninos, dizendo que “os processos correspondentes na menina não

<sup>29</sup> MIGUELEZ, Nora B. Susmansky de. *O Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P.49.

<sup>30</sup> FREUD, S. A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago. P. 88.

conhecemos”<sup>31</sup>, e apenas posteriormente irá admitir a fase fálica como igualmente válida para meninos e meninas.

Aqui, Freud está conferindo uma importância psíquica muito mais abrangente, que decorre de sua dilatação no processo de desenvolvimento sexual, de conceitos que já havia apontado anteriormente. O complexo de castração, por exemplo, toma uma nova dimensão quando ele reserva importância de todo um período fálico no desenvolvimento. Para Freud, quando o menino vê que a menina não possui pênis, contrariando a teoria infantil da universalidade do pênis, sua primeira reação é a rejeição, e só depois pensará que ali havia um pênis, mas que ele fora retirado. Por isso, afirma que “(...) o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração.”<sup>32</sup>

Se, em primeiro lugar, ocorre ao menino a rejeição da não-universalidade do pênis, e em segundo lugar lhe vem a ideia de que as mulheres que não o têm foram “castigadas” pela castração (período em que se acredita que mulheres “respeitáveis”, como a mãe, detém um pênis), depois virá a generalização que estabelece a diferença entre as mulheres, todas sem pênis, e os homens, que os têm. Freud atribui a isso a origem tanto de sentimentos misóginos, quanto da homossexualidade masculina: “Sabemos em que grau a depreciação das mulheres, o horror a elas e a disposição ao homossexualismo derivam da convicção final de que as mulheres não possuem pênis.”<sup>33</sup> E conclui o texto apresentando uma síntese do desenvolvimento sexual, na qual apresenta a seguinte visão da constituição do masculino e feminino:

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*. A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e ser *castrado*. Somente após o

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>32</sup> Idem, p. 182.

<sup>33</sup> Idem, p. 183.

desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero.<sup>34</sup>

Acompanhando esse desenvolvimento da teoria do desenvolvimento sexual, podemos ver como progressivamente ganha espaço a ideia de que há um processo psíquico que vai determinando a subjetivação sexuada do sujeito, com períodos que são estabelecidos por Freud com um rigor cada vez maior, e que o afastam cada vez mais das ideias da biologia ou da sexologia vigentes em sua época. O anatômico é, ainda, o fundamental desencadeador desses processos, mas não é o processo em si, mas sim a base sobre a qual se ergue o edifício psíquico, estruturado sobre o complexo de Édipo e de castração.

### **3. A dissolução do complexo de Édipo (1924)**

À época em que escreve esse texto, Freud já dava como certo ser o complexo de Édipo “(...) o fenômeno central do período sexual da primeira infância”.<sup>35</sup> Seu objetivo é o de aprofundar a análise sobre esse fenômeno, cuja significação para Freud atingiu o patamar de universal, conforme podemos comprovar na seguinte passagem:

Embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, ao instalar-se a fase seguinte preordenada pelo desenvolvimento. Assim sendo, não é de grande importância quais as ocasiões que permitem tal ocorrência ou, na verdade, que ocasiões desse

<sup>34</sup> Idem, p. 184.

<sup>35</sup> FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro, Imago. P. 105.

tipo possam ser de algum modo descobertas. A justiça dessas opiniões não pode ser discutida.<sup>36</sup>

Essa visão inatista do desenvolvimento sexual está de acordo com aquela apresentada a respeito dos diques nos três ensaios, e Freud aprofunda amplamente sua noção da universalidade do complexo de Édipo em *Totem e Tabu* (1913), ao desenvolver a hipótese de que o referido complexo é o fundador da cultura humana em sua totalidade, e não apenas um processo de grande relevância para o desenvolvimento sexual do indivíduo.

Na verdade, desde seu primeiro esboço de formulação a respeito do complexo de Édipo, em 1897, antes que recebesse essa denominação e pouco após o abandono da sua teoria da sedução, Freud já está convencido da universalidade desse fenômeno, como se pode ver por sua carta a W. Fliess de 15 de outubro de 1897 (Carta 71): “Uma única ideia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância.”<sup>37</sup> Ou seja, partindo de sua autoanálise, Freud encontra em si mesmo o fenômeno que receberia posteriormente o nome de complexo de Édipo, e o toma como de validade universal. Mais uma vez, podemos ver como sua metapsicologia caminha *pari passu* com sua prática clínica, e como a sua própria análise contribui nesse sentido.

O complexo de castração será um ponto nodal desse texto, em que Freud afirma que “(...) é minha opinião ser essa ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança.”<sup>38</sup> Em sua visão, o temor à castração se instala aos poucos: as primeiras ameaças que são feitas de remover seu pênis, segundo Freud geralmente feita por mulheres que “buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico”<sup>39</sup>, não são levadas a sério pelo

<sup>36</sup> Idem, p. 218.

<sup>37</sup> FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. P. 273.

<sup>38</sup> FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago, p. 107.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

menino. Somente depois que entende que as mulheres (ou, como pensa a princípio, algumas mulheres) não possuem pênis, é que a castração lhe figura como uma ameaça concreta.

Mas o que acarretaria a castração, na concepção da criança? Freud afirma que a ameaça dos adultos é feita à criança quando essa transgride as normas da “moral sexual” e é pega pelos adultos se masturbando, ou ainda devido à enurese noturna (urinar na cama), que, segundo Freud “(...) deve ser igualada à poluição noturna dos adultos, e é uma expressão da mesma excitação dos órgãos genitais que impeliu a criança a masturbar-se nesse período”<sup>40</sup> (essa hipótese será colocada de forma menos categórica posteriormente). Ou seja, a criança entende que a castração seria uma punição por seus desejos sexuais proibidos. Mas, para o autor, a masturbação é apenas uma pequena parte da sua atividade sexual, uma descarga genital da excitação sexual, e o núcleo de sua vida sexual é o amor edipiano em relação aos pais. Assim, a ameaça da castração é imediatamente associada a esse amor infantil pelo progenitor de sexo oposto, e a criança (do sexo masculino) se vê diante da disjuntiva: abandonar o amor pela mãe em nome de preservar seu pênis, ou sofrer a castração. Freud diz que “Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo.”<sup>41</sup>

Em *O Ego e o Id*, Freud descreve em detalhes como vê nesse processo a origem do superego: ao efetuar o abandono de seu investimento amoroso edipiano, essa afeição é recalçada e a autoridade castradora paterna, antes apenas externa, ganha uma dimensão intrapsíquica, o superego, que impede o retorno desse investimento objetual plano do ego. Assim, parte desse investimento é sublimado, e outra parte é inibida em seu objetivo transformando-se em afeto. Assim se encerraria o complexo de Édipo, nessa formulação de Freud que o abarca de forma mais completa.

Contudo, algumas das complexidades que ele apresentaria nesse processo ao longo dos anos já estão apontadas aqui. Ele afirma que:

<sup>40</sup> Idem, ibidem.

<sup>41</sup> Idem, p.221.

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e a outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua.<sup>42</sup>

Assim, começamos a ver que nem tudo está determinado pela anatomia, já que essas saídas, entendidas como posição masculina e feminina, não são atribuídas aqui necessariamente ao homem ou à mulher. Começa a haver uma relativa independência entre a determinação anatômica e a psíquica, ainda que Freud não o diga explicitamente. O determinante é o caminho psíquico que se estabelece durante o complexo de Édipo.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que podemos ler nas entrelinhas essa primordial distinção entre o anatômico e o psíquico na subjetivação sexuada, apenas algumas linhas mais à frente encontramos a célebre máxima de Freud que parafraseia Napoleão: “Anatomia é o destino”. Pois, para ele, a ausência do pênis nas mulheres acarreta a inveja do pênis e ele aponta, inicialmente, para o chamado complexo de masculinidade, que desenvolverá posteriormente, e que consiste aqui na recusa em se admitir privada do falo. A sua visão, nesse momento, é de que o complexo de Édipo feminino “é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis”<sup>43</sup>. Como veremos, essa concepção será negada em seus trabalhos posteriores. Aqui, ele mesmo diz que sua compreensão do desenvolvimento da menina “(...) em geral é insatisfatório, incompleto e vago”<sup>44</sup>

<sup>42</sup> Idem, p.220.

<sup>43</sup> Idem, p. 223

<sup>44</sup> Idem, p. 224.

#### 4. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)

Aqui, pela primeira vez Freud irá apresentar hipóteses para o desenvolvimento do complexo de Édipo feminino e suas distinções em relação ao dos homens. A primeira evolução que apresenta em sua hipótese é a de que o primeiro objeto amoroso, também para as meninas, é a mãe e, portanto, o problema está em descobrir como ela troca esse objeto amoroso pelo pai.

Freud irá desenvolver aquilo que chama de “complexo de masculinidade”, que acometeria as mulheres quando elas são defrontadas com a inveja do pênis, dando início à fase fálica do desenvolvimento. Indica aqui uma “ramificação” do complexo de masculinidade, apontando-lhe diversas consequências, que, em sua visão, podem colocar “grandes dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no sentido da feminilidade, se não puder ser superado suficientemente cedo.”<sup>45</sup> Quando Freud aponta, portanto, um desenvolvimento “regular”, ou seja, normal, podemos inferir que há, em seu pensamento, inevitavelmente um viés normativo. Conforme apontamos anteriormente, já vimos o pensamento de Freud dar passos rumo a uma progressiva distinção entre o anatômico e o psíquico, movimento que se inicia no seu reconhecimento da predisposição bissexual inata e que se desenvolve ao ver a evolução para a posição masculina e feminina como um desdobramento possível do complexo de Édipo. Nesse mesmo texto isso é explicitado quando Freud diz, sem meias palavras, que:

O assunto fica mais difícil de apreender pela circunstância complicante de que mesmo em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar de sua *mãe* como objeto de amor de seu *pai* – fato que descrevemos como sendo a atitude feminina.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Obras Completas. Volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago. P. 156.

<sup>46</sup> Idem, p. 311.

Aqui encontramos um paradoxo na concepção da subjetivação sexuada de Freud: apontar a possibilidade de distinção entre a posição sexuada subjetiva e a anatomia é uma postura revolucionária que criará um solo fértil para a continuação desse pensamento. Mas, sem abandonar a rígida camisa de força do pensamento normativo, Freud ainda vê um desenvolvimento “regular” e “desvios” desse. A própria adoção dos termos posição feminina e masculina o denota sem margem a dúvidas. Retomaremos essa discussão posteriormente. Vejamos agora como Freud entende as ramificações do complexo de masculinidade nesse texto.

Em primeiro lugar, Freud aponta que nas mulheres pode ocorrer o que ele chama de “rejeição”, ou seja, que a menina não aceite o fato de ser castrada e que possa “(...) enrijecer-se na convicção de que *realmente* possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem.”<sup>47</sup> Isso, para Freud, pode inclusive desencadear uma psicose.

Nas que aceitam o fato de sua castração, Freud identifica um “sentimento de inferioridade”, que se torna, ao compreender que todas as mulheres carecem de pênis, um desprezo pelo sexo feminino. Com o amadurecimento psíquico, a inveja do pênis como tal é abandonada, mas, para Freud, “(...) persiste no traço característico do *ciúme*.” cuja presença “(...) desempenha um papel muito maior na vida mental das mulheres que na dos homens e isso se deve ao fato de ser enormemente reforçado por parte da inveja do pênis deslocada.”<sup>48</sup>

Freud também vê o afastamento afetivo da menina em relação à mãe, pois aquela atribuiria a esta a responsabilidade por sua falta de pênis. Afirma que isso ocorre muitas vezes quando a menina passa a ter ciúmes de outra criança, do sexo masculino, acreditando ser preterida pela mãe em detrimento dessa outra criança. Isso seria um dos motivos para o abandono da mãe como objeto amoroso.<sup>49</sup> A isso, Freud acrescenta o fato mais relevante de que

<sup>47</sup> Idem, p. 315.

<sup>48</sup> Idem. p. 316.

<sup>49</sup> Idem, ibidem.

(...) a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha – não há outra maneira de exprimí-lo – da equação ‘pênis-criança’. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho: *com esse fim em vista*, toma o seu pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher.<sup>50</sup>

Essa hipótese apresentada inaugura a diferença fundamental na teoria freudiana entre o complexo de Édipo masculino e feminino, que ele sintetiza na seguinte fórmula: “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.”<sup>51</sup>

Isso, contudo, coloca uma nova interrogação: como a menina encerra seu complexo de Édipo? Freud diz que “ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres.”<sup>52</sup> Essa falta, para as meninas, de um fato da mesma importância que tem a castração para os meninos, que dê fim ao complexo de Édipo é o que fundamenta a posição de Freud sobre as mulheres terem um superego menos rígido e que, assim, explicariam porque elas “(...) demonstram menos senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade (...)”<sup>53</sup>

<sup>50</sup> Idem, p. 318.

<sup>51</sup> Idem, ibidem.

<sup>52</sup> Idem, p. 319.

<sup>53</sup> Idem, p. 320.

## 5. Sobre a sexualidade feminina (1931) e Feminilidade (1933)

Nestes dois textos, Freud apresenta sua concepção mais acabada sobre a feminilidade, reunindo os aspectos desenvolvidos e reelaborados ao longo de suas décadas de trabalho e sintetizando-os. Não deixa, contudo, de apresentar modificações significativas em algumas concepções. Uma delas é a longa duração daquilo que chama de complexo de Édipo negativo, ou seja, a primeira fase edípica feminina em que a menina teria uma ligação sexual com a mãe, que antecederia a ligação ao pai. A primeira vez que Freud aborda a questão do complexo de Édipo negativo é em 1923, em *O Ego e o Id*, colocando sua existência para ambos os sexos e como sua forma “mais comum”, e, assim, aumentando a complexidade do processo de sexuação infantil:

(...) de modo algum o complexo de Édipo simples e a sua forma mais comum, mas representa antes uma simplificação ou esquematização que é, sem dúvida, frequentemente justificada para fins práticos. Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido a bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetual afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe.<sup>54</sup>

Assim, Freud demonstra que o processo de sexuação é não apenas complexo, como possui muitas variáveis. Também se torna, em sua concepção, muito mais aberta a permeabilidade entre o feminino e o masculino, que ganham progressivamente uma independência como fatores subjetivos de maturação psíquica, e que não estão estritamente vinculados à genitália, ao anatômico. As posições masculina e feminina já não se encontram associadas ao sexo anatômico de maneira indissociável.

<sup>54</sup> FREUD, S. O Ego e o Id. In: *Obras Completas. Volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago. Edição eletrônica. P. 20.

Em *Sexualidade Feminina* Freud afirma que havia subestimado a duração e a intensidade da ligação da menina à sua mãe, ou seja, seu Édipo negativo, que ele aí também chama de fase “pré-edípica”. Um dos motivos que Freud atribui à sua dificuldade de descobrir a grande significação desse período da vida psíquica das mulheres é que as mulheres em análise com ele, um homem, tenderiam a realizar uma transferência de sua ligação paterna. Corroborando sua afirmação dizendo “analistas femininas”, como Jeanne Lampl-de Groot e Helen Deutsch, tiveram mais facilidade para detectar esse aspecto por suas pacientes encontrarem “pela transferência a uma substituta materna adequada”<sup>55</sup>. Ele aventava a hipótese que esse período do Édipo negativo está fortemente ligado à etiologia da histeria, afirmando que “(...) tanto a fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas (...)”<sup>56</sup>

Freud retoma algumas definições já colocadas anteriormente para lhes dar um contorno mais acabado. Por exemplo, afirma que a bissexualidade inata é mais forte nas mulheres, já que, em sua visão, o desenvolvimento sexual nas mulheres atravessa duas fases, sendo a primeira, ligada ao clitóris, teria um caráter masculino por ser este análogo anatomicamente ao pênis, e apenas a segunda, ligada à vagina, propriamente feminina. Nessa definição vemos, mais uma vez, persistir o caráter anatômico na relação masculino/feminino, já que tal atribuição de divisão se deve particularmente à analogia anatômica entre pênis e clitóris. Freud, ademais, parece definir uma forma bastante simplista de desenvolvimento sexual, como se a zona erógena simplesmente se transferisse do clitóris à vagina, quando, em verdade, esse desenvolvimento é muito mais complexo, com o clitóris frequentemente persistindo como uma zona erógena de importância primária e, em todo caso, nunca perdendo uma grande importância na vida sexual das mulheres.

Também irá desenvolver nesse texto os três caminhos de desenvolvimento que vê como possíveis para as mulheres. Esses possíveis desenvolvimentos decorrem, para Freud, do encontro da mulher com a castração, na qual ela reconhece “a superioridade

<sup>55</sup> FREUD, S. Sexualidade feminina. in: *Obras Completas. Volume XXI*. Rio de Janeiro: Imago. Edição eletrônica. P. 144.

<sup>56</sup> Idem. *ibidem*.

do homem e sua própria inferioridade.”<sup>57</sup> Assim, a primeira alternativa de desenvolvimento seria a de se tornar insatisfeita com seu clitóris (substituto do pênis), abandonar toda a atividade fálica e suas características masculinas nos demais âmbitos da vida, bem como sua sexualidade em geral, podendo ocasionar a frigidez; outra opção seria o chamado “complexo de masculinidade”, em que a mulher se recusa obstinadamente em aceitar sua suposta inferioridade feminina, afirmando a sua masculinidade. Freud afirma que esse caminho pode desembocar na escolha de objeto homossexual ou mesmo em uma psicose. E, por fim, é na terceira alternativa que Freud vê a “atitude feminina normal final”<sup>58</sup>, segundo a qual ela tomará o pai como objeto amoroso, chegando, enfim, à forma positiva do Édipo.

Mesmo nessa hipótese de desenvolvimento “normal” do Édipo positivo feminino, Freud aponta o que vê como efeitos das diferenças da castração na mulher e homem da seguinte forma:

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também nela as consequências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais.<sup>59</sup>

O caráter misógino que decorre dessa afirmação, que procura no desenvolvimento sexual “normal” das mulheres a razão para sua posição social inferiorizada na sociedade patriarcal, não escapa à percepção de Freud, que, numa nota de rodapé, procura antecipar as críticas de “analistas masculinos com opiniões feministas, bem como nossas analistas feministas”. Segundo Freud, afirmarão que “tais noções se originam do ‘complexo de masculinidade’ do macho e se destinam a

<sup>57</sup> Idem, p. 146.

<sup>58</sup> Idem, ibidem.

<sup>59</sup> Idem, ibidem.

justificar, com fundamentos teóricos, sua inclinação inata a desprezar e oprimir as mulheres”.<sup>60</sup> É interessante notar como, tanto na justificativa para suas opiniões como nos possíveis contra-argumentos que ele atribui a seus oponentes imaginários, Freud atesta um caráter “inato” às características masculinas e femininas.

Freud também começa a procurar na vida sexual posterior das mulheres os indícios da fase negativa do Édipo, vendo, por exemplo, uma possibilidade de que as mulheres se aferrem ao modelo materno desse período quando forem escolher seus maridos. Seria, para ele, “um caso óbvio de regressão”. Vê sintomas disso, por exemplo, nas disputas com seus maridos, que seriam herdeiras das disputas da juventude com a mãe.

Ao explorar os motivos que levariam ao afastamento da mãe como objeto e a ligação ao pai, Freud afirma que esse período também contaria frequentemente com o fim da masturbação clitoridiana, bem como com um rebaixamento dos impulsos sexuais ativos e um aumento dos passivos, ou seja, uma consolidação das tendências ditas femininas.

Vimos que nesse momento Freud já confere um grande significado ao desenvolvimento psíquico da sexualidade, vendo, inclusive, como características femininas e masculinas estão presentes sempre em ambos os sexos. Há, nesse sentido, um afastamento de concepções puramente anatômicas de desenvolvimento, entendendo como a relação com o outro – o pai e a mãe, fundamentalmente – são essenciais para o processo de sexuação. Contudo, é patente que Freud ainda insere todo esse processo em um âmbito no qual vê o biológico como um fator predominante. Isso fica nítido quando sintetiza:

Descobrimos em ação nessa fase as mesmas forças libidinais que na criança do sexo masculino, e pudemos convencer-nos de que, durante algum tempo, essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos.

<sup>60</sup> Na edição eletrônica consultada não constam notas de rodapé. Essa foi consultada na edição impressa, mesmo volume, p. 264.

Subsequentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos. Visto não podermos afastar a noção de que a excitação sexual deriva do funcionamento de certas substâncias químicas, parece plausível, a princípio, esperar que a bioquímica um dia nos revele uma substância cuja presença produza uma excitação sexual masculina e outra substância que produza uma feminina.<sup>61</sup>

Entretanto, o próprio Freud, mais uma vez, vislumbra a possibilidade de seu equívoco ao completar o parágrafo da seguinte forma: “Mas essa esperança parece não menos ingênua do que aquela outra – hoje felizmente obsoleta –, a de ser possível, ao microscópio, isolar os diferentes fatores excitantes da histeria, da neurose obsessiva, da melancolia, e assim por diante”, e, mais adiante, também afirma que “(...) ainda não estamos capacitados a distinguir, nesse campo, o que é rigidamente fixado por leis biológicas e o que se acha aberto ao movimento e à mudança, sob a influência acidental”.<sup>62</sup>

Podemos notar, a partir de observações como essas, que, por mais que Freud procure colocar postulados do desenvolvimento sexual que diferenciem nitidamente homens e mulheres e as características do feminino e do masculino, ele próprio abre um espaço para a incerteza, admitindo que não pode fornecer respostas definitivas para os problemas levantados. É com esse espírito que ele abre a conferência “Feminilidade”, no ano seguinte, na qual retoma fundamentalmente os pontos já elencados aqui.

Ao abrir a conferência, Freud questiona os critérios habitualmente utilizados para diferenciar o feminino e o masculino, começando pelo anatômico:

[A ciência] Chama a atenção dos senhores para o fato de que partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. (...) como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. E então se lhes pede que familiarizem-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num

<sup>61</sup> Idem, p. 153.

<sup>62</sup> Idem, p. 155.

indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas. (...) devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia.<sup>63</sup>

E, então, sem se deter no anatômico, Freud irá questionar às características psicológicas, anímicas, que se costuma atribuir ao masculino e feminino, aliás, características que ele próprio atribui a ambos:

(...) quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer ‘passivo’. (...) Bem podem duvidar se auferiram daí alguma vantagem real, quando refletem que, em algumas classes de animais, as fêmeas são mais fortes e mais agressivas e o macho é ativo unicamente no ato da união sexual. (...) Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com a atividade e o feminino, com a passividade. Uma mãe é ativa para com seu filho em todos os sentidos. (...) As mulheres podem demonstrar grande atividade, em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva. Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais, no sentido psicológico, concluirei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas advirto-os de que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos.<sup>64</sup>

E, então, Freud procura uma nova mediação afirmando que uma característica psicológica da feminilidade pode ser a de “dar preferência a fins passivos”, mesmo que para isso empregue uma grande quantidade de atividade. E arrisca a hesitante fórmula:

Talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação na função sexual, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida, em grau maior ou menor, proporcionalmente aos

<sup>63</sup> FREUD, S. Feminilidade. In: *Obras Completas, volume XXII*. Rio de Janeiro: Imago. Edição eletrônica, p. 79.

<sup>64</sup> Idem, p. 80.

limites, restritos ou amplos, dentro dos quais sua vida sexual serve, assim, de modelo.<sup>65</sup>

Mas acrescenta a ela uma observação de notável importância, cuja observação frequentemente é ignorada, inclusive pelo próprio autor: “Devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva.”<sup>66</sup>

Podemos ver que Freud, conforme se aprofunda no assunto, parece ser menos categórico na definição do feminino, afirmando aqui que “(...) também a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade”<sup>67</sup> E afirma que a meta da psicanálise não poderia ser a de descrever o que é a mulher, mas sim “se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual.”<sup>68</sup> Assim, podemos dizer que Freud, de certa forma, está procurando se defender de sua impossibilidade de explicar determinadas questões do que entende como o feminino a partir de estabelecer uma meta mais “empírica”, ou seja, como ele próprio adverte, sua conferência “(...) não nos apresenta senão fatos observados, quase sem qualquer acréscimo teórico.”<sup>69</sup> E, ainda que seja bastante contestável o fato de que não exista uma teoria acrescentada aos fatos, é significativo que Freud procure dizer que não é capaz de fornecer tal teoria acabada sobre os fatos.

Nesse texto, Freud apresenta um elemento fundamental em sua concepção do desenvolvimento feminino normal, sintetizado no seguinte trecho:

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (...) Não é senão com o surgimento do desejo de ter

<sup>65</sup> Idem, ibidem.

<sup>66</sup> Idem, ibidem.

<sup>67</sup> Idem, p. 81.

<sup>68</sup> Idem, ibidem.

<sup>69</sup> Idem, p.78-79.

um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido de seu pai e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino.<sup>70</sup>

Portanto, para Freud a equação da feminilidade se completa no desejo de um bebê, com um equivalente simbólico do pênis. O desejo pelo bebê é a finalização, para o autor, do destino normal da feminilidade.

Assinala novamente a dificuldade da dissolução do Édipo nas meninas, pelo fato de que essas não possuem a forte motivação do medo da castração, tal como os meninos, para se desligar de seu objeto amoroso paterno. Assim, Freud reafirma sua concepção de que, quanto ao complexo de Édipo, “As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe conferem sua importância cultural.”<sup>71</sup>

Outro ponto de discussão relevante nesse texto é quanto ao caráter da libido. Freud, em determinados momentos, dá ênfase ao fato de que só existe um tipo de libido, que deve ser considerada masculina, com caráter ativo. Aqui, no entanto, ele relativiza isso ao afirmar que

Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação “atividade e masculinidade”, nos inclinamos a qualifica-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva. Mesmo assim, a justaposição ‘libido feminina’ não tem qualquer justificação.<sup>72</sup>

Aqui, contudo, Freud irá novamente recorrer a um argumento da “Natureza” para inferir o pertinente ao feminino e às restrições da libido:

<sup>70</sup> Idem, p. 89.

<sup>71</sup> Idem, p. 90.

<sup>72</sup> Idem, p. 92.

Ademais, temos a impressão de que maior coerção foi aplicada à libido quando ela é moldada para servir à função feminina, e de que – falando teleologicamente – a Natureza tem em menor conta as suas exigências referentes a essa função, do que às da masculinidade. E a razão disso pode estar – novamente pensando em termos teleológicos – no fato de que a realização do objetivo da biologia foi confiada à agressividade dos homens e se tornou, em certa medida, independente do consentimento das mulheres.<sup>73</sup>

Assim, não deixa de estar presente, novamente, uma predominância “natural” do homem e mesmo o caráter masculino da libido no pensamento freudiano.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*.

## PARTE II – discussão sobre a obra de Freud e seu legado

### 1. A ruptura com a degenerescência-hereditariedade

A partir desse breve resumo do pensamento de Freud acerca da sexualidade, do desenvolvimento psíquico sexual e de suas concepções do feminino, podemos chegar a algumas conclusões acerca do que representou o pensamento freudiano nesse âmbito, e qual o legado que ele deixou para seus sucessores.

Em primeiro lugar, é essencial pensarmos a ruptura que a psicanálise e sua concepção de sexualidade significaram para sua época. Faz-se necessário situar Freud em sua época, ressaltando o fato de que a preocupação com o fenômeno da sexualidade em sua investigação tem uma história que remonta ao pensamento científico contemporâneo. Conforme apontam Roudinesco e Plon,

Todos os cientistas do fim do século XIX preocupavam-se com a questão da sexualidade, na qual viam uma determinação fundamental da atividade humana. Assim, faziam da sexualidade uma evidência e do fator sexual a causa primária da gênese dos sintomas neuróticos. Daí a criação da sexologia como ciência biológica e natural do comportamento sexual.

Impregnado das mesmas interrogações que seus contemporâneos, Freud (...) efetuou uma verdadeira ruptura teórica (ou epistemológica) com a sexologia, estendendo a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital para fazer dela a própria essência da atividade humana.<sup>74</sup>

Essa ruptura podemos ver desde os “Três ensaios...”. Contudo, conforme esperamos ter deixado ressaltado, essa ruptura não foi feita de maneira linear, sem contradições e desvios. Freud tomou de sexólogos conceitos importantes, como o de autoerotismo, extraído de Henry Havelock Ellis, mas sempre os aprofundou em uma

<sup>74</sup> ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 704.

direção muito distinta, como se pode perceber nitidamente em “Três ensaios...”, em que apresenta seu primeiro diálogo de fôlego com esses autores.

Algumas das ideias revolucionárias que aparecem nesse texto de Freud são também compartilhadas por esses autores. Por exemplo, a noção de que as perversões sexuais devem ser incluídas no terreno da sexualidade normal já figurava na obra de 1897 de Albert Moll, *Untersuchungen über die Libido sexualis*.<sup>75</sup> Contudo, o que Freud fez foi dar um sentido mais abrangente a essas questões. Por exemplo, no que toca às perversões, Freud não apenas as incluiu como manifestações “legítimas” de sexualidade, mas de fato as colocou como origem de qualquer vida sexual sadia ao elaborar o conceito de perversidade polimórfica que dominaria a sexualidade infantil (tema, aliás, cuja responsabilidade de pioneirismo também é dele, e que muito contribuiu para chocar a “boa sociedade”).

E, se havia alguns poucos sexólogos que chegavam a conclusões por vezes aproximadas às de Freud, ou lhe forneciam bases para uma discussão distinta, é importante ressaltarmos que o que primava era uma medicina com caráter moralista, higienista, que procurava explicações supostamente científicas para apregoar uma moralidade vitoriana que via em qualquer variação da norma sexual da sociedade uma “degeneração”. Esse foi o tom predominante da abordagem médica e supostamente científica da sexualidade no século XIX. Freud abre sua sessão sobre “aberrações sexuais” em os “Três ensaios...” se contrapondo a essa visão. Como afirma Foucault em seu pormenorizado estudo sobre a história da sexualidade:

(...) datam desses anos a relativa autonomização do sexo com relação ao corpo, o aparecimento correlativo de uma medicina, de uma “ortopedia” específicas do sexo, em suma, a abertura desse grande domínio médico-psicológico das “perversões”, que viria tomar o lugar das velhas categorias morais da devassidão e da extravagância. Na mesma época, a análise da hereditariedade colocava o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de “responsabilidade biológica” com relação à espécie (...). A medicina das perversões e os programas de eugenia foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes inovações da segunda metade do século XIX. (...) O conjunto perversão-

<sup>75</sup> Idem, p. 522.

hereditariedade-degenerescência constituiu o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo.<sup>76</sup>

E, em meio a esse panorama em que medicina e Estado se articulam em torno de um projeto racista e moralista de explicação do sexual, com imenso alcance social, Foucault situa a transformação representada pela psicanálise:

E a posição singular da psicanálise no fim do século XIX não seria bem compreendida se desconhecêssemos a ruptura que operou relativamente ao sistema da degenerescência: ela retomou o projeto de uma tecnologia média própria do instinto sexual, mas procurou liberá-la de suas correlações com a hereditariedade e, portanto, com todos os racismos e os eugenismos. Pode-se muito bem fazer, agora, a revisão de tudo o que podia existir de vontade normalizadora em Freud; pode-se, também, denunciar o papel desempenhado há anos pela instituição psicanalítica; contudo, na grande família das tecnologias do sexo que recua tanto na história do Ocidente cristão e entre as que empreenderam, no século XIX, a medicalização do sexo, ela foi, até os anos 1940, a única que se opôs, rigorosamente, aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência.<sup>77</sup>

Assim, sob essa perspectiva podemos ver como não apenas do ponto de vista epistemológico a psicanálise foi transformadora, mas também sob a perspectiva social e política, representando uma ruptura com a tradição da compreensão da sexualidade. Efetivamente, contudo, Freud não poderia ir além de certo ponto nessa ruptura, sendo um “homem de ciência”, um autêntico *pater familias* de sua época e profundamente marcado pela moral de sua época. É a isso que se refere Foucault ao falar da “vontade normalizadora” de Freud, e nos deteremos na investigação desse aspecto a partir da crítica de outros autores sobre a visão de Freud acerca desses temas.

<sup>76</sup> FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A Vontade de saber (volume I)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014. P. 128-129.

<sup>77</sup> Idem, p. 129-130.

## 2. Freud e sua relação com a moral sexual

Quando Freud conclui que a etiologia das neuroses é de natureza sexual, envolvendo uma repressão que retorna como sintoma, ele já tem a estrutura básica sobre a qual edificará toda sua concepção de cultura, na qual a renúncia pulsional seria o elemento básico para que o ser humano pudesse conviver em sociedade. Essa ideia será profundamente debatida em textos como *Totem e Tabu*, em que Freud procura explicar a origem da cultura (e fundamentando também o que se desenvolveria, na segunda tópica, no conceito de superego) a partir do tabu do incesto e do assassinato do pai. Já nessa época e em textos posteriores, o tom que Freud dá a essa discussão é o de que a renúncia pulsional é fundamental e necessária, e não possui centralidade em sua discussão os questionamentos sobre a adequação da repressão que exerce a sociedade sobre seus membros. Exceto, é claro, em casos particulares, como a sua feroz crítica à religião em *O Futuro de uma Ilusão* e *O Mal estar na civilização*.

Mas alguns anos antes, em 1908, Freud abordaria a repressão sexual de sua sociedade em uma postura consideravelmente mais crítica em *A moral sexual "cultural" e o nervosismo moderno*. O autor parte, como habitualmente, de uma discussão com os autores contemporâneos a ele. Boa parte deles considera, como Freud, que a repressão sexual é diretamente responsável pela etiologia de neuroses, mas, também assim como ele, vê nessa repressão sexual uma ponte necessária para a civilização. Von Ehrenfels, por exemplo, diz ser necessário uma "reforma" na moral sexual. A descrição que Freud dá, no entanto, de suas ideias nos mostra que a misoginia supostamente científica é o que dirige as pretensões reformadoras de Ehrenfels. Assim descreve Freud uma parte do livro *Ética sexual*, de Ehrenfels:

Seria próprio da nossa moral sexual cultural a transferência para a vida sexual do homem de exigências feitas à mulher, e a proscrição de toda relação sexual exceto as do casamento monogâmico. Porém, a consideração pela natural diferença dos sexos obrigaria a punir menos rigorosamente as transgressões do homem, assim admitindo, efetivamente, uma *dupla* moral para o homem. Mas uma sociedade que aceita essa dupla moral não pode ir além de certa medida, muito restrita, de "amor à verdade, honestidade e

humanidade”, tem de induzir seus membros ao ocultamento da verdade, ao otimismo raso, ao engano de si mesmo e dos outros.<sup>78</sup>

E a esses argumentos ainda adenda o do prejuízo da monogamia à seleção viril da espécie. Freud, contudo, apesar de não refutá-lo após essa explicação, apenas adendando a doença nervosa como consequência dessa moral, algumas páginas à frente mostrará outra opinião. O que ele explicita é justamente que o que Ehrenfels aponta é falso, pois a sociedade patriarcal efetivamente possui uma moral distinta para homens e mulheres. Sua crítica, contudo, é bem mais abrangente e certa, pois mostra como o casamento é a instituição social que preza por essa moral e, portanto, a origem da neurose. Como diz Freud:

Cabe-nos agora perguntar se a relação sexual no casamento legítimo pode oferecer plena compensação pelas restrições anteriores ao casamento. É tão abundante o material que nos leva a uma resposta negativa dessa questão, que somos obrigados a dar um resumo bastante sumário dele. Lembremos, antes de tudo, que a nossa moral sexual cultural restringe também a relação sexual no casamento, já que os cônjuges são obrigados a contentar-se com certo número – em geral, pequeno – de procriações. Devido a essa consideração, apenas por alguns anos há relações satisfatórias no casamento, subtraindo-se igualmente, é claro, os períodos em que a mulher é poupada por razões higiênicas. Após esses três, quatro ou cinco anos, o casamento fracassa enquanto promessa de satisfação das necessidades sexuais; pois todos os meios até agora utilizados para prevenir a concepção reduzem o prazer sexual, ferem a sensibilidade das duas partes ou agem de forma diretamente patogênica. O medo das consequências do ato sexual faz desaparecer, primeiramente, a afeição física entre os cônjuges, e depois, em geral, também o apego psíquico, que deveria suceder à tempestuosa paixão inicial. Com a decepção psíquica e a privação física, que vêm a ser o destino da maioria dos casamentos, os dois cônjuges são lançados de volta ao estado anterior ao matrimônio, empobrecidos com a perda de uma ilusão e precisando novamente recorrer à própria firmeza para dominar e desviar o instinto sexual. Não examinaremos em que medida o homem, então numa idade mais madura, é bem-sucedido nessa tarefa. A experiência nos diz que ele frequentemente se serve de alguma liberdade sexual que lhe é concedida mesmo pela mais severa ordem sexual, embora de maneira tácita e relutante. A moral sexual “dupla”, vigente em nossa sociedade no tocante aos homens, é a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita na viabilidade das normas que estabeleceu. Mas a experiência também ensinou que as mulheres (...) adoecem de neuroses graves que as

<sup>78</sup> FREUD, S. Moral sexual “civilizada” e nervosismo moderno. In: Obras Completas, volume 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. P. 361.

incomodam por toda a vida. (...) O remédio para a doença nervosa resultante do matrimônio seria antes a infidelidade conjugal (...)<sup>79</sup>

Nos referimos a essa extensa citação por ela ser bastante emblemática do espírito crítico que apresenta Freud nesse texto, e que contrasta bastante com obras posteriores. Mas, ainda que sua crítica à moral sexual tenha se matizado, particularmente a partir de seu postulado de que seria necessária a renúncia pulsional em nome da civilização e da cultura, ele manteve uma visão de que na sociedade da época tal restrição se realizava de maneira descabida, como vemos, por exemplo, nesse trecho escrito mais de vinte anos depois:

A escolha de objeto do indivíduo sexualmente maduro é reduzida ao sexo oposto, a maioria das satisfações extragenitais é interdita como perversão. A exigência, expressa em tais proibições, de uma vida sexual uniforme para todos, ignora as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, priva um número considerável deles do prazer sexual e se torna, assim, a fonte de grave injustiça. (...) o que permanece isento de proscricção, o amor genital heterossexual, é ainda prejudicado pelas limitações da legitimidade e da monogamia. A civilização atual dá a entender que só quer permitir relações sexuais baseadas na união indissolúvel entre um homem e uma mulher, que não lhe agrada a sexualidade como fonte de prazer autônoma e que está disposta a tolerá-la somente como fonte, até agora insubstituível, de multiplicação dos seres humanos.

Isto é, naturalmente, algo extremo. Sabe-se que demonstrou ser inexequível, mesmo por breves períodos. (...) A sociedade civilizada viu-se obrigada a fechar os olhos para muitas transgressões que, segundo suas normas, deveria punir. (...) A vida sexual do homem civilizado está mesmo gravemente prejudicada, às vezes parece uma função que se acha em processo involutivo, como nossos dentes e nossos cabelos enquanto órgãos.<sup>80</sup>

Vemos um importante reconhecimento da contribuição do casamento para o desencadear de doenças neuróticas. Nisso, por exemplo, Freud estava em frontal discordância de seus contemporâneos sexólogos, que tinham uma visão muito mais conservadora. Krafft-Ebing, por exemplo, defendia que o sexo deveria estar

<sup>79</sup> Idem, p. 377-378.

<sup>80</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 68-69.

estritamente vinculado à reprodução, e que qualquer medida que ultrapassasse essa meta era patológica. Além disso, preconizava o casamento como cura para as chamadas “aberrações sexuais” que Freud discute, a partir de sua perspectiva, em os “Três ensaios...”. Freud, pelo contrário, além de não pregar a “moderação sexual” como os sexólogos e psiquiatras em geral, aponta a incapacidade de sublimação ou de liberação direta da energia sexual como causadora de doenças nervosas.

Assim, podemos pensar a sexologia e todo o movimento médico-científico da época que se debruça sobre as questões sexuais como tentativas de estabelecer um conhecimento socialmente legitimado que pudesse proteger os valores da sociedade patriarcal que começava a entrar em crise. Cumpre a função preconizada por Foucault de fortalecer o que ele denomina como “bipoder”, em que um discurso científico legitima uma dominação sobre corpos e comportamentos sociais. Foucault, de fato, ao dissecar o discurso médico e científico da época, questiona o que ele chama de “hipótese repressora”, comumente aceita, de que o tema do sexo seria proibido, um tabu a não ser discutido, e que essa é a moral burguesa que cria uma repressão sexual pernicioso. Não é que Foucault discorde dos efeitos dessa moral, mas ele demonstra como existia uma grande produção discursiva a respeito do sexo, ou seja, não havia uma proibição em se falar sobre o assunto. O mecanismo era mais poderoso e mais sutil:

Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticulosas e análises detalhadas, como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo. (...) Era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas.<sup>81</sup>

As pioneiras descobertas da psicanálise indicam um lado oposto, como podemos ver claramente nesse texto de 1908. Contudo, Freud, como pretendemos

<sup>81</sup> FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A Vontade de saber (volume I)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014. P. 59-60.

discutir mais detidamente, tinha seus próprios interesses para não prosseguir em sua linha de questionamento direto à moral sexual repressora que ele próprio identificava. Um de seus discípulos, Wilhelm Reich, não só procurou levar esse propósito adiante como criticou seu mestre de outrora<sup>82</sup> por não ser consequente com suas próprias descobertas. Para Reich, as conclusões derivadas do método psicanalítico que apontam a repressão sexual como fator etiológico das neuroses deveriam motivar uma atuação política e uma crítica à moral sexual. Ele afirma:

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve ser aparecimento à repressão impulsional, ou seja à abstinência impulsional (...). A ideia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura. (...) O que é verdade nessa teoria é somente que a repressão sexual constitui a base da psicologia das massas de determinada cultura, isto é, a *cultura patriarcal* em todas as suas formas, mas não a base da cultura e sua formação em si. Mas como foi que Freud chegou a essa concepção? Certamente não pelos motivos *conscientes* políticos e cosmovisuais, mas pelo contrário: antigos trabalhos tais como artigos sobre “moral cultural sexual” justamente apontam na direção de uma crítica cultural sexual-revolucionária. Esse caminho Freud nunca mais seguiu; pelo contrário, ele era refratário a tais experiências e certa vez as designou verbalmente como não se encontrando “no meio do caminho da psicanálise”.<sup>83</sup>

Pode-se dizer que a contradição apontada por Reich entre as descobertas da psicanálise que apontam a repressão sexual como etiologia das doenças neuroses, e a sua condenação de um questionamento veemente da moral sexual vigente e uma correspondente atuação política nesse sentido<sup>84</sup>, expressam a mesma origem que

<sup>82</sup> Reich foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional – IPA – a princípio (ainda que não declaradamente) por suas posições políticas e sua militância comunista. Contudo, foi elaborando suas diferenças políticas posteriormente vinculadas a posições teóricas que passou a defender sob o rótulo de “economia sexual”. Reich foi também expulso do Partido Comunista Alemão – já na época sob a égide conservadora do stalinismo imperante no movimento comunista internacional – por sua ligação com a psicanálise, que a “ciência oficial” do stalinismo havia decretado como uma “ciência burguesa”. Posteriormente, no entanto, Reich abandonou o comunismo e mudou consideravelmente o eixo de suas preocupações teóricas, tendo se exilado nos EUA e defendido que este era o país mais livre do mundo para a sexualidade.

<sup>83</sup> REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. P. 42-43.

<sup>84</sup> Para Reich, a perspectiva de uma crítica radical à moral sexual significava também que, por mais importante que fosse a atuação na análise pessoal de cada paciente, ela era insuficiente. Suas conclusões teóricas o levaram a desenvolver na Alemanha um amplo movimento de educação sexual

podemos ver em Freud quanto à questão da feminilidade. Trata-se da contradição entre os caminhos apontados pela investigação psicanalítica e os próprios preconceitos morais arraigados no fundador da psicanálise.

### 3. Universal e particular

Era Freud um positivista?<sup>85</sup> Se avaliarmos tudo o que a psicanálise constituiu, certamente será muito difícil delimitar seu criador como um cientista positivista, dentro do campo estrito de uma mentalidade pragmática, racionalista e evolutivista<sup>86</sup>. A psicanálise desvendou muito sobre a impossibilidade do domínio racional e consciente de nossa subjetividade, sobre o “continente obscuro” do inconsciente, para que seja possível lhe atribuir um papel de ver na razão o baluarte da civilização e do progresso. Além disso, textos de Freud com um tom assumidamente pessimista, como o *Mal-estar na civilização*, impedem que seja alinhavado estritamente com uma ideologia tão ingênua do progresso contínuo da humanidade rumo ao esclarecimento.

Contudo, como em tantos outros aspectos, nesse quesito a obra de Freud está atravessada por uma contradição irresoluta. Sua defesa permanente e persistente da psicanálise como uma disciplina científica que procura fazer valer seu lugar junto a

para a juventude proletária denominado *SexPol*, uma contração do termo “política sexual”. Esse movimento chegou a reunir em seus centros cerca de 40 mil jovens alemães. Freud era completamente avesso a tipo de atuação.

<sup>85</sup> Cabe ressaltar que utilizamos aqui o termo positivismo em uma acepção ampla, que está centrada fundamentalmente em seus aspectos ideológicos racionalistas e pautados na concepção de progresso a partir da ciência e da razão. Ou seja, uma visão de uma ideologia hegemônica na sociedade em que Freud se encontrava. Por certo deixamos de lado nessa conceituação os desdobramentos específicos da filosofia de Augusto Comte, como sua “religião da humanidade”, a qual, evidentemente, não estava no rol de crenças de Freud.

<sup>86</sup> Utilizamos aqui o termo “evolutivista” em oposição a “evolucionista”, que é frequentemente empregado ao se referir à ideologia de um avanço contínuo e um progresso da humanidade associado ao desenvolvimento da ciência e da razão. Consideramos que o termo “evolucionista”, ligado ao desenvolvimento da teoria da evolução de Charles Darwin, extrapola o campo desse pensamento ideológico e que a utilização do mesmo termo para designar a ambos contribui para a criação de uma confusão, atribuindo à teoria da evolução de Darwin um aspecto ideológico que não lhe é próprio. O que ocorre é que o pensamento “evolutivista” se apropria das conclusões darwinistas tanto para lhes dar uma roupagem ideológica tanto da ideia de “progresso social” a partir da “ciência e da razão”, como, em suas acepções mais de direita, um aspecto de eugenia que criaria o chamado “darwinismo social” e campos supostamente científicos, como a frenologia.

irmãs mais prestigiadas e consolidadas como as ciências naturais; ou ainda sua tenaz e eloquente crença apresentada em *O futuro de uma ilusão* acerca da possibilidade de aniquilação de todas as crenças metafísicas e superstições a partir da evolução da razão e da ciência são alguns exemplos expressivos de que também não é simples negar a inclusão de Freud no contexto da mentalidade positivista. A obra de Freud encontra-se, com grande frequência, marcada pela ideologia positivista, o que, não raro, contradiz em maior ou menor grau as próprias descobertas das investigações psicanalíticas.

Por isso, entendemos essa questão no freudismo de forma semelhante à da moral: se as pesquisas psicanalíticas apontam permanentemente para fora do esquema ideológico positivista, a própria inserção de Freud como um homem de seu tempo exerce uma pressão no sentido contrário. E, como em tantas questões, essas contradições exercem sua influência no entendimento de Freud acerca do sexual e do feminino.

Uma das marcas mais agudas disso está na pretensão universalista de Freud, uma herança certamente do pensamento racionalista que vê na universalidade de seu conhecimento um critério de verdade científica. Assim, se Freud procura inserir a psicanálise no campo da ciência, ele deveria procurar a validade universal de suas descobertas. Algumas obras em particular, como *Totem e Tabu*, se inserem no contexto de procurar a validade universal das descobertas psicanalíticas; contudo, a obra inteira de Freud carrega essa marca.

*Totem e Tabu* também apresenta um caráter duplo quando à ideia de evolução na oposição que estabelece entre a sociedade moderna ocidental (denominada de *civilizada* no texto, segundo a época), e os povos indígenas, aborígenes e demais sociedades (denominadas *primitivas*). Se a própria oposição entre civilizado e primitivo já denota o preconceito evolutivista, contudo, podemos ver um outro lado em que Freud identifica nos costumes “primitivos” e em seus tabus motivações muito semelhantes às das neuroses e das proibições dos civilizados. Isso relativiza a ideia corrente de que os “primitivos” seriam “bárbaros”, “selvagens”, “inferiores”. Essa atenuação em relação ao contraste, no entanto, não impede que Freud veja um

avanço, chegando a afirmar que a forma como certos “primitivos” lidam com o mundo seria análoga à infância (animismo), passando por uma adolescência (totemismo) e chegando à sociedade “civilizada”, que seria a etapa adulta do desenvolvimento filogenético. Esse método, de estabelecer paralelos entre o desenvolvimento ontogenético e filogenético é recorrente em Freud. Mas seu propósito é sempre demonstrar a validade universal da psicanálise, sendo, portanto, sempre o ponto de partida o intrapsíquico e a evolução psíquica do indivíduo na família de sua sociedade e sua época, para estabelecer uma analogia generalizante com todas as sociedades e épocas.

Esse método partia do pressuposto de que o conteúdo do inconsciente é não apenas atemporal individualmente, mas historicamente – portanto, universal. Essa concepção também foi criticada por Reich, que, diferentemente de Freud, entendia os conteúdos anti-sociais do inconsciente como um produto histórico, e, portanto, que a renúncia pulsional não seria a alternativa contra a barbárie.

Quando alguém fala abstratamente da natureza maléfica do inconsciente reprimido, encobrem-se não somente os fatos fundamentais da terapia e prevenção das neuroses, mas também de toda a pedagogia. Freud descobriu que o conteúdo do inconsciente dos neuróticos – e estes são em nossos círculos culturais a maioria preponderante da humanidade – consiste em sua essência de impulsos infantis cruéis, anti-sociais. Isso é verdade, mas obscureceu o fato complementar de que no inconsciente também se encontram exigências que representam as exigências biológicas naturais, como por exemplo a vida sexual dos adolescentes ou das pessoas “presas” num casamento infeliz. A intensidade dos estímulos anti-sociais e infantis, mais tarde, deriva histórica e economicamente da insatisfação dessas exigências naturais; a energia libidinal represada em parte reforça os estímulos primitivos infantis e em parte cria necessidades completamente novas, geralmente anti-sociais, como, por exemplo, a necessidade do exibicionismo, ou seja o impulso do assassinato sexual. A Etnologia nos ensina que tais impulsos inexistem, em sociedade primitivas, até certo ponto do desenvolvimento econômico e somente aparecem depois que a repressão da vida amorosa normal se tornou um hábito consagrado.<sup>87</sup>

<sup>87</sup> REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 49

Para Reich, ainda, consiste em um erro considerar que todos esses impulsos são aceitos como fatos biológicos<sup>88</sup>, afirmando que “Esse biologismo simples, mecanista, é tão difícil de ser revelado porque na nossa sociedade de hoje preenche determinada função, a de transferir o problema do campo sociológico para o biológico onde nada se pode fazer a respeito”<sup>89</sup>. Essa defesa do “biologismo” aparece inclusive no tardio texto de Freud *Análise terminável e interminável*, em que ele afirma que

Quando falamos numa ‘herança arcaica’ geralmente estamos pensando apenas no id e parecemos presumir que, no começo da vida do indivíduo, ainda não existe ego algum. Mas não desprezaremos o ato de que id e ego são originalmente um só; tampouco implica qualquer supervalorização mística da hereditariedade acharmos crível que, mesmo antes de o ego surgir, as linhas de desenvolvimento, tendências e reações que posteriormente apresentara, já estão estabelecidas para ele. As peculiaridades psicológicas de famílias, raças e nações, inclusive em sua atitude para com a análise, não permitem outra explicação. Em verdade, mais do que isso: a experiência analítica nos impôs a convicção de que mesmo conteúdos psíquicos específicos, tais como o simbolismo, não possuem outras fontes senão a transmissão hereditária, e pesquisas em diversos campos da antropologia social tornam plausível supor que outros precipitados, igualmente especializados, deixados pelo primitivo desenvolvimento humano, também estão presentes na herança arcaica.<sup>90</sup>

Assim, sem entrarmos no mérito de avaliar se há algo – como defende Freud – de atemporal, universal e imutável no conteúdo das pulsões antissociais, consideramos que o que é fundamental levar em conta da crítica de Reich para os limites desse trabalho é a forma como a tentativa de universalização dos conteúdos psíquicos inconscientes feita por Freud apresenta um caráter político. Ou seja, em sua tentativa de fazer uma ciência do psíquico que transcende as dimensões políticas, que

<sup>88</sup> Consideramos imprecisa a definição de Reich de que Freud consideraria essas pulsões como biológicas, mesmo porque o próprio conceito de pulsão se define como limítrofe entre o biológico e o psíquico, sendo característico dos seres humanos. O que, sim, pode-se dizer é que Freud defende que esse conteúdo pulsional é universal, portanto, o mesmo para qualquer sociedade, independente de sua cultura e história. O que mudaria, a seu ver, é a forma como as sociedades lidam com essas pulsões associais e anti-sociais.

<sup>89</sup> REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. P. 50.

<sup>90</sup> FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. In: *Obras Completas*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago. P. 162.

as determina – conforme defende em textos como *Psicologia das massas e análise do Eu* – mas se sobrepõe a elas e as ultrapassa, não sendo determinado por seu caráter contingencial e histórico. Esse fato, como pretendemos discutir, é também responsável por que Freud ignore como suas próprias posições políticas e morais são determinantes de sua visão sobre o feminino. Para encerrar a discussão apresentada por Reich, apresentamos um último trecho em que ele aponta o caráter político da repressão e do princípio de realidade.

Partindo do princípio de que é anticultural o que é reprimido inconscientemente, é necessário colocar as exigências genitais do adolescente sob a pressão da condenação, o que geralmente se realiza com comentários bem humorados de que o princípio de realidade demanda o adiamento das satisfações impulsivas. O fato de que esse próprio princípio de realidade é relativo, de que hoje serve aos interesses duma sociedade autoritária, sendo por ela determinado, é excluído da discussão por estar dentro da área da política e nada ter a ver com a ciência. O fato de que essa exclusão, por sua vez, está também dentro da área da política não chega a ser percebido.<sup>91</sup>

#### 4. Complexo de Édipo

Como aponta Roudinesco, a própria escolha do mito de Édipo como forma de batizar o romance familiar neurótico colocado em evidência pela psicanálise é uma forma de Freud procurar conceder um lastro atemporal à sua descoberta. No primeiro capítulo de *A família em desordem*, a autora discute como Freud reinterpreta o mito de Édipo para servir ao propósito de ilustrar a universalidade do complexo. Para tanto, ele dá uma interpretação própria ao mito, que conta um destino alheio ao conhecimento de Édipo (ele não sabia que matara o pai ou fizera sexo com a mãe, mas Freud situa essa ignorância *de fato* como uma metáfora do recalque e do desejo inconsciente do sujeito neurótico) e transforma-a na história do desejo incestuoso, do amor neurótico que repousa no seio da família nuclear burguesa. Nas palavras de Roudinesco:

<sup>91</sup> REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. P. 51.

Uma vez que é necessário a Freud “um modelo único de família única” capaz de resumir a história das origens da humanidade, Édipo será portanto culpado não de *ter* cometido um assassinato, mas de *ser* um sujeito culpado de desejar sua mãe. Culpado de ter um inconsciente, Édipo se torna então, na interpretação freudiana, um neurótico *fin de siècle*, culpado de seu desejo, escriturário de suas fantasias.<sup>92</sup>

Assim também fez com os então denominados “povos primitivos” em *Totem e Tabu*, argumentando que o assassinato do pai na horda primitiva e o desejo incestuoso estão na origem da civilização, e mesmo aventando que num primeiro momento o desejo de assassinato foi tornado efetivo, sendo a culpa o motivador para a criação do tabu e a instituição história do superego (ainda que o conceito de superego propriamente dito só viesse a ser desenvolvido anos depois).

Portanto, para Freud, o complexo de Édipo é uma instituição universal. Nas palavras de Nora B. S. de Miguez:

(...) ele proporá uma verdadeira *fábrica de subjetivação sexuada*. Um programa, uma máquina, que produza masculinidade e feminilidade, que trabalhe a partir da sexualidade infantil perverso-polimorfa e que esteja ligada à tomada da proibição do incesto. É dessa fábrica de que se trata, de fato, quando se fala do complexo de Édipo freudiano.<sup>93</sup>

Roudinesco aponta ainda para outro elemento. Se podemos enxergar na enorme expansão da sexologia e demais teorizações médicas sobre a sexualidade no século XIX um sintoma da crise do patriarcado, sem dúvida a psicanálise também é tributária desse contexto. A “garantia” de um modo de subjetivação sexuada universal, que tem como modelo a família nuclear burguesa, seria uma fortaleza contra esse desmoronamento:

<sup>92</sup> ROUDINESCO, E. Quem matou o pai? in: *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar. P. 62.

<sup>93</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 19-20.

Podemos conjecturar que Freud reinventou *Édipo* para responder de maneira racional ao terror da irrupção do feminino e à obsessão pela supressão da diferença sexual que haviam tomado conta da sociedade europeia do fim do século, no momento em que se apagavam em Viena o poder e a glória das últimas monarquias imperiais. Com a ajuda do mito reconvertido em complexo, Freud, de fato, restabelece simbolicamente diferenças necessárias à manutenção de um modelo de família que se temia que estivesse desaparecendo na realidade.<sup>94</sup>

O sentido do complexo de Édipo na interpretação que Freud lhe dá, atrelado a um sentido da família burguesa, seria discutido por uma ampla gama da crítica e da evolução da psicanálise, entre a qual se destaca, por exemplo, o livro de Giles Deleuze e Félix Guatari, *O Anti-Édipo*, de 1972, em que – com uma clara inspiração político-teórica das críticas de Reich – os autores defendem uma ampla variação da “loucura”, algo que a concepção freudiana do complexo edipiano reduzia a uma interpretação restrita ao âmbito da família burguesa e patriarcal. Já Lacan denomina o complexo de Édipo como um “sonho de Freud”, e situa no lugar do pai outros conceitos que cumprem uma função paterna, como os “Nomes do Pai”, “suplências”, “sinthomas” ou “nós borromeanos”. Em essência, Lacan acredita que a função de interdição, que Freud atribuía ao pai, é realizada pela linguagem, que determina uma restrição ao gozo do sujeito. O pai, nesse contexto, é um “agente do significante que exerce a castração.”<sup>95</sup> É fundamental a observação feita por Miguelez de que “nenhuma perspectiva histórica, como a decadência do pai e da família, guia as considerações desse Lacan tardio. O ‘além do Édipo’ é enunciado como um avanço nos graus de cientificidade, abstração e generalidade da teoria.”<sup>96</sup>

No entanto, a discussão pormenorizada sobre o conceito do complexo de Édipo na obra de Freud é um grande desafio, já que foi continuamente sendo desenvolvida e retrabalhada ao longo da vida do autor, e não constitui nosso objetivo no presente trabalho nos aprofundar demasiadamente nesse tema, mais do que a exposição na primeira parte já o fez em termos de desenvolvimento histórico da teoria do complexo em Freud. O livro de Nora B. S., *Complexo de Édipo* constitui uma excelente síntese das

<sup>94</sup> ROUDINESCO, E. Quem matou o pai? in: *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar. P. 65.

<sup>95</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 177-178.

<sup>96</sup> Idem. p. 178.

modificações no transcorrer da obra de Freud, e trás também uma importante reflexão sobre os desdobramentos teóricos e clínicos pós-freudianos. Miguelez sintetiza quatro momentos da organização teórica do complexo em Freud:

(...) há uma proposta inicial freudiana que deixa ainda nas mãos da Natureza a origem dos desejos sexuais incestuosos. Mais tarde, o mito do parricídio na proto-história e sua herança filogenética ocuparão o primeiro plano. Mais uma revisão será feita às expensas de uma extensa teoria das identificações, na qual o desenlace do complexo de Édipo *completo* organiza como efeito o psiquismo inteiro do sujeito. Finalmente, a última versão, tardiamente enunciada, rege a última década da produção freudiana e enlaça o complexo de Édipo com o condicionamento fálico do complexo de castração. Seu “rochedo de base” terá a palavra final na análise. É nesse modelo que Freud enuncia importantes hipóteses sobre como e por que, no processamento do complexo de Édipo, se define tanto a sexuação do sujeito como sua “escolha” de neurose.<sup>97</sup>

Cabe ressaltar que nesse percurso a investigação de Freud aponta gradualmente para um afastamento das determinações anatômicas/naturais rumo às determinações psíquicas/sociais, sem que, no entanto – e de forma paradoxal – deixe de reafirmar sua suposta universalidade. Outro ponto central é a importância centralizadora da organização sexual que o complexo vai adquirindo no decorrer da obra. Se, nos “Três ensaios...”, como afirma Miguelez, não há uma hierarquia entre os desejos sexuais infantis<sup>98</sup>, posteriormente Freud irá afirmar categoricamente o Édipo como o “complexo nuclear das neuroses”.

Miguelez, em sua discussão sobre a visão freudiana do complexo de Édipo, faz uma distinção entre um *sentido amplo* e um *sentido estrito* do conceito. No sentido amplo, o complexo se refere à “lei antropológica e histórica” de interdição do incesto – que, inclusive, foram registradas não apenas por Freud, mas também por Levy-Strauss que igualmente o considerou como fundador da cultura –, e, no sentido estrito, as

<sup>97</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 20. Miguelez aponta, nesse trecho, um texto de referência para a apresentação de cada um desses modelos, que são, na ordem apresentada: *A interpretação dos sonhos* (1900); *Totem e tabu* (1913); *O ego e o id* (1923); *Algumas diferenças psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos* (1925).

<sup>98</sup> Idem, p.44

teorizações específicas de Freud sobre como se processa essa interdição. Como aponta a autora,

(...) quando Freud propõe o complexo de Édipo, descobre e explicita a norma pela qual um *sistema patriarcal* organiza uma modalidade peculiar de lidar com a proibição do incesto. Mas a convicção freudiana é a de ter desentranhado a forma *universal* de respeitar a interdição. Ele não discrimina a lei da cultura, da estrutura familiar paternalista histórica que desenvolveu um estilo particular de se organizar em relação a essa lei.<sup>99</sup>

## 5. Mulher: o “menos um” do patriarcado

A célebre frase de Freud “anatomia é destino”, é uma marca da rigidez do fatalismo do biológico na visão de mundo freudiana. Uma visão que é muito matizada, mas em alguns aspectos persiste, em que pesem todos os determinantes psíquicos e de sexualização subjetivada até seus últimos trabalhos. E essa determinação biológica, no entanto, aparece como algo radicalmente distinto para o homem e a mulher.

Em 1948, ao se colocar a questão sobre o que define uma mulher em seu vasto estudo *O segundo sexo*, a filósofa Simone de Beauvoir disse:

É significativo que eu apresente esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher.” (...) Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente. (...) A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um só tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (...) Praticamente, assim como para os antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. (...) A

<sup>99</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 176.

humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.<sup>100</sup>

O pensamento de Freud é um exemplo inequívoco disso que fala Beauvoir; podemos ver isso na forma como desde o começo as questões sexuais, suas primeiras reflexões sobre o complexo de Édipo, sempre se referem ao menino exclusivamente. Há dois conceitos centrais que expressam a forma como Freud vê no homem a referência a partir da qual compreender a mulher: o falocentrismo e o monismo sexual.

O monismo sexual é a teoria freudiana que afirma que a libido possui apenas o caráter masculino, ou seja, ativo. Ele vê – como apontamos anteriormente – a primeira manifestação sexual genital da menina, a masturbação clitoridiana, como masculina, tomando o clitóris como análogo ao pênis, e afirma que a menina desconhece a vagina. Em seguida, passa por suas teorias sexuais infantis, que se desenvolvem nos conceitos de universalidade do pênis e, como seu desdobramento, a inveja do pênis e o complexo de castração. Assim, a mulher se define pela falta, pela ausência do pênis. Kehl afirma, tratando de *A organização genital infantil*,

(...) neste modelo, o órgão genital masculino e as representações a ele associadas (fálico/ativo/sádico) ocupam o lugar de *grau zero da sexualidade*, em relação ao qual o outro pólo, correspondente ao genital feminino (castrado/passivo/masquista) estará sempre no lugar do *menos um*: o lugar do desconhecimento, do eterno mistério.<sup>101</sup>

Contudo, Freud vê no desenvolvimento sexual “normal” das mulheres a natural substituição do pênis pelo bebê, desejando assim ter um filho com seu pai e vendo no bebê a substituição para o falo. Se há aí um deslocamento na teoria falocêntrica, que deixa de ver o valor fálico apenas no pênis, há também a enunciação do único destino feminino “normal” para Freud: o do casamento e da maternidade como uma tentativa (vã) de substituir o pênis que não possui.

<sup>100</sup> BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. P. 15-16.

<sup>101</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 194.

Não é à toa que foi justamente a partir do ingresso consistente das mulheres na psicanálise que as teorias do monismo sexual e do falocentrismo passaram a ser questionadas. Ainda que diversas psicanalistas, como Marie Bonaparte, Helene Deutsch, Jeanne Lampl-De Groot e Ruth Mack-Brunswick tenham defendido a teoria do monismo sexual, foi na escola inglesa a partir da década de 1920 que outras analistas – Melanie Klein e Josine Müller – passaram a questionar o monismo. Em 1927, no congresso da IPA, Ernest Jones apresentou o trabalho “A fase precoce do desenvolvimento da sexualidade feminina”, em que criticava a hipótese freudiana de que as meninas apresentassem uma insensibilidade e ignorância em relação à própria vagina até a puberdade. Em uma linha semelhante, Karen Horney defendia que a suposta ignorância em relação à vagina seria fruto de uma repressão, levando a um apego defensivo à sexualidade clitoridiana.<sup>102</sup> Roudinesco afirma que os artigos freudianos de 1931 e 1933, *A sexualidade feminina* e *A feminilidade* representam já um reconhecimento por parte de Freud das correções indicadas por Klein, pois dá muito mais ênfase à primeira fase, negativa, do complexo de Édipo feminino.<sup>103</sup> Acrescentamos que Freud relativiza o monismo sexual afirmando em determinado ponto desses textos que a libido é única, mas sem lhe atribuir um caráter masculino; e ainda, colocando em dúvida a identidade entre masculino/ativo e feminino/passivo. Contudo, suas posições fundamentais se mantêm as mesmas, e mesmo esses avanços relativos são contraditórios com afirmações do autor nesse mesmo texto e em obras posteriores.

O que podemos afirmar é que o movimento que Freud faz é de distinguir progressivamente o anatômico do psíquico, afirmando como as posições masculina e feminina estão ambas presentes na disposição bissexual inata e que, conforme o desenvolvimento psíquico e a transição pelo complexo de Édipo e de castração, se afirmam ou de inibem, não necessariamente em acordo com a organização genital anatômica do indivíduo. Assim, em alguma medida, masculino e feminino estariam presentes tanto em homens quanto mulheres, em diferentes proporções. Maria Rita Kehl, ao estudar esse tema na obra de Freud, propõe um entendimento dos conceitos

<sup>102</sup> ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 705, 706.

<sup>103</sup> Idem, p. 707.

de mulher, gênero feminino e posição feminina baseada na tópica lacaniana do imaginário, simbólico e real. Assim sintetiza ela:

(...) a constituição dos sujeitos é predefinida subjetivamente de algumas definições no campo do Outro. Entre elas, a que nos identifica como homens ou mulheres a partir de nossos corpos, que, no limite, pertencem à ordem do Real. Aqui, e somente até aqui, é possível aceitar a assertiva freudiana – “anatomia é destino”. As características sexuais anatômicas nos permitem diferenciar os sujeitos quanto ao gênero (homem ou mulher), conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e atributos que a cultura lhe confere. Diferente do gênero, mas articulada a ele, temos a *posição* do sujeito no discurso, de ordem simbólica – como sujeito ou objeto do discurso, o que corresponde à diferenciação freudiana fundamental de “ativo” e “passivo” para as posições ditas masculina e feminina; masculino e feminino indicam também a posição de sujeito ou de objeto em relação ao desejo de um semelhante, um outro, para além da condição fundamental do desejo, que, segundo Lacan, é sempre a de “desejo do desejo do Outro”.<sup>104</sup>

Tais distinções, evidentemente, não existiam no pensamento freudiano, mas podemos afirmar que é nele que se inicia a possibilidade de ver como distintos os binômios homem/mulher e masculino/feminino. No entanto, há sempre algo de *essencial*, ou seja, de imutável e universal, no feminino e no masculino; se Freud chega a questionar em sua última conferência sobre o tema a associação imediata ativo/masculino e passivo/feminino, podemos dizer que isso é episódico: no cerne de sua obra persiste essa distinção, bem como a atribuição ao feminino de características pejorativas e de inferiorização, como um senso de justiça defasado, um superego menos independente, inveja, infantilidade, vaidade, pudor, baixa capacidade de sublimação, interesses culturais rebaixados etc.

A questão está justamente no método empírico enunciado pelo próprio Freud, e às tentativas de generalização de características particulares a todo um universo. Sua explicação do feminino está a serviço disso e, quando uma mulher se mostrava distinta de sua classificação, Freud se limitava a dizer que era uma mulher “masculina”, como o fazia de maneira quase unânime em relação às que admirava intelectualmente. Beauvoir fala sobre essa teorização da universalidade de uma essência feminina como

<sup>104</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 10.

um ser degradado, o que, contudo, vê como um produto histórico do patriarcado. É na impossibilidade de remontar a um acontecimento original que tenha dado origem ao patriarcado e colocado as mulheres em uma posição de submissão que Beauvoir vê a possibilidade de se eludir o caráter contingencial e histórico da inferiorização social da mulher:

Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou uma evolução, ela não *aconteceu*. É, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto. Uma situação que se criou através dos tempos pode desfazer-se num dado tempo: os negros do Haiti, entre outros, o provaram bem. Parece, ao contrário, que uma condição natural desafia qualquer mudança. Em verdade, a natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável.<sup>105</sup>

E ainda:

(...) quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra *ser* que precisamos entender-nos; a má fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, *são* hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar.<sup>106</sup>

A distinção proposta por Kehl nos ajuda a compreender melhor o que é apontado por Beauvoir. A diferença no campo do Real, nos corpos, na fisiologia, é o que ela chama de “condição natural”. Contudo, a diferença entre o feminino e o masculino, o papel dos gêneros na sociedade, essa diferença não é *natural*, mas sim *histórica* e construída socialmente. A não distinção desses dois aspectos é uma operação ideológica, seja consciente ou não. Em outro nível, a colocação de Beauvoir que afirma que a natureza, como realidade histórica, não é imutável, também é

<sup>105</sup> BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. P. 19.

<sup>106</sup> Idem, p. 25.

fundamental. Pois o ser humano se define justamente como aquele que se organiza em torno de enfrentar as forças da natureza que lhe são hostis, em procurar dominá-la, pelo menos de forma parcial, e aprender a adaptá-la às suas necessidades, sendo, portanto, muito mais relativa a sua necessidade de se “curvar” à natureza tal qual ela é. A esta conferimos não apenas diferentes interpretações psíquicas e sociais, como interagimos com ela diretamente mudando relativamente seu curso. Freud, por outro lado, vê um papel preponderante na determinação natural, e no final de sua vida afirma que o obstáculo mais insuperável da análise de mulheres é a inveja do pênis – e no caso de homens o medo da castração, ou seja, o análogo masculino – e que a visão das mulheres como inferiores é um dado inerente ao psiquismo. Alfred Adler deu a isso o nome de “protesto masculino”, mas Freud diz que “(...) ‘repúdio da feminilidade’ teria sido a descrição correta dessa notável característica da vida psíquica dos seres humanos.”<sup>107</sup>

No que concerne o papel do gênero feminino, duas transformações revolucionam diretamente a forma social como ele se coloca: os métodos contraceptivos que permitem regular a gravidez, e a intervenção cirúrgica e hormonal que permite aos transexuais adequarem seus corpos biológicos à sua identidade de gênero. Voltaremos a esse tema.

Hoje em dia é uma visão relativamente hegemônica que a histeria se constituiu como uma doença de tamanha difusão e importância no século XIX justamente por expressar a contradição entre os ideais burgueses de liberdade e realização individual, e o papel restrito a que as mulheres eram confinadas; um sintoma, também, portanto, da crise do patriarcado, que já não conseguia garantir a manutenção das mulheres nesse lugar social. Como afirma Kehl, resgatando a expressão de Dostoiévski em *Os irmãos Karamázov* segundo a qual a histeria é “a salvação das mulheres”,

A histeria é a “salvação das mulheres” justamente porque é a expressão (possível) da experiência das mulheres, em um período em que os ideais tradicionais de feminilidade (ideais produzidos a partir das necessidades da

<sup>107</sup> FREUD, S. Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago. P. 169.

nova ordem familiar burguesa) entraram em profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos.<sup>108</sup>

Ao mesmo tempo, a histeria está relacionada à posição passiva da mulher, de sua “função”, de acordo com essa mesma norma social, de sedução do homem. Sendo vítima da “ausência do falo”, sendo esse valor fálico identificado à masculinidade, a mulher deve se colocar como uma “oferta”, ser ela mesma tomada como um objeto fálico pelo homem, que é o único capaz de resgatá-la de seu lugar de falta absoluta. Segundo Kehl, “É um artifício, evidentemente, que só produz a histeria se a mulher acredita e se identifica com ele. A histérica, nesse sentido, não é a que engana o homem; é antes a que *se deixa enganar pelo engodo endereçado a ele.*”<sup>109</sup>

De toda a forma, a histeria se apresenta como um sintoma da inviabilidade das mulheres de se expressarem como sujeitos, de escaparem ao destino estrito de feminilidade que a sociedade burguesa procurava lhes apresentar, que se limitava ao âmbito do casamento e da maternidade. No âmbito da teoria freudiana, não apenas a formação psíquica foi compreendida desde uma perspectiva falocêntrica, onde todo o valor positivo estava designado ao homem, sendo a mulher seu reflexo negativo, como o desejo da feminilidade foi confinado ao limite do patriarcado. Assim foi sua atuação na interpretação da histeria e do desejo feminino:

O psicanalista que interpreta as conquistas fálicas de uma analisanda como tentativas de obter um pênis, ou pior, de privar dele o homem, está atuando sua própria angústia de castração.

Como fez Freud, aliás, em certos momentos de seu percurso criativo.

Freud ouviu a crise entre as mulheres e a feminilidade e entendeu que a cura de suas histéricas equivalia a remetê-las de volta a esta mesma feminilidade da qual elas já se desajustavam, em função da própria multiplicidade de discursos e possibilidades de escolha surgidas na modernidade. Assim, se produz que: para a psicanálise, feminilidade acaba sendo equivalente a histeria, e há uma valorização da mulher histérica como

<sup>108</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 182.

<sup>109</sup> Idem, p. 11.

aquela que sabe manejar a mascarada da feminilidade e colocar-se na posição feminina frente ao homem.<sup>110</sup>

Para Freud, esse “ideal feminino” da família burguesa não estava questionado. Kehl o demonstra de forma eloquente a partir de trechos extraídos da correspondência de Freud com sua então noiva, Marta. Nessa correspondência, Freud defende o destino feminino que defenderia também em sua teoria e clínica. Vejamos apenas alguns desses trechos:

O que você disse em sua última carta sobre Mill e sua esposa devia ter-me dado imediatamente a inspiração de contar-lhe alguma coisa sobre ambos. (...) É bem possível que ele tenha sido, em todo o século, o homem em melhores condições para livrar-se da dominação dos preconceitos comuns. E, em consequência (...) falta-lhe o senso do absurdo sob vários aspectos: por exemplo, na emancipação das mulheres e na questão feminina em geral. (...) Acho que estamos de acordo em que cuidar da casa, criar e educar filhos exigem dedicação integral e praticamente excluem qualquer atividade remunerada. (...) Qualquer mulher, mesmo sem direito a voto ou sem direitos civis, cuja mão seja beijada por um homem disposto a arriscar tudo pelo seu amor, poderia tê-lo emendado a esse respeito.

Parece uma ideia completamente irrealista mandar as mulheres à luta de forma idêntica à dos homens. Deverei eu pensar na minha delicada e terna menina como concorrente? (...) É possível que uma educação diferente anulasse todas as qualidades delicadas das mulheres (...) de modo que elas pudessem ganhar a vida como os homens. Também não é possível que, nesse caso, não seria justificável deplorar o desaparecimento da coisa mais linda que o mundo tem para oferecer-nos: nosso ideal de feminilidade. Mas acredito que todas as atividades reformistas (...) fracassarão diante do fato de que muito antes da era em que uma profissão possa ser estabelecida na nossa sociedade, a natureza terá designado a mulher, em virtude de sua beleza, encanto e bondade, para fazer outra coisa. Não, a este respeito sou antiquado, desejo a minha Marta como ela é, e ela própria não há de querer que seja diferente: ser uma namorada adorada na mocidade e uma esposa amada na maturidade.<sup>111</sup>

E também: “Mas a emancipação total significava o fim de um ideal admirável. Afinal (...), a ‘natureza’ destinou a mulher, através da ‘beleza do encanto e da doçura’ a algo mais...”<sup>112</sup>. Assim, percebe-se que o interesse do próprio Freud enquanto um pai

<sup>110</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 265.

<sup>111</sup> Citado em KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 237.

<sup>112</sup> Idem, p. 238.

de família da sociedade burguesa aparece como motivador de sua concepção da feminilidade. Kehl, apoiando-se na argumentação de Marie-Christine Hamon<sup>113</sup> sustenta a seguinte posição acerca de como Freud encara a feminilidade:

(...) a insistência com que Freud sustentou até o fim da vida sua ignorância sobre a confusa (mas não por isso misteriosa) relação que as mulheres estabelecem com a feminilidade, e isto apesar de tudo o que ouviu de suas analisandas e, mais tarde, de suas colaboradoras psicanalistas, só pode indicar algum impedimento da parte do próprio Freud. Impedimento decorrente não de alguma característica inexplicável, não simbolizável, indizível, nas mulheres, mas da posição subjetiva de Freud diante delas.<sup>114</sup>

O não querer saber refere-se à sua própria castração. Do ponto de vista analítico, trata-se de aferir ao “outro” da mulher a insuficiência da castração para que não precisasse encará-la em si próprio:

(...) como homem (isto, a psicanálise freudiana nos ajuda a saber), também ele fez por manter a alteridade absoluta da mulher, para que ela lhe fizesse o favor de representar este “outro” castrado que o protegesse da angústia, etc. e tal.

Operação que, para ser bem-sucedida, exige uma volta a mais do parafuso – volta essa iniciada por Freud e completada por Lacan – que os convença de que, vejam bem caros colegas, ocupar o lugar deste “outro” no desejo masculino, é só isso o que quer uma mulher.<sup>115</sup>

Do ponto de vista social, trata-se de legitimar o patriarcado (já em crise, mas longe de estar terminado) e garantir o lugar de privilégio que, inclusive, o próprio Freud tinha em sua relação com Marta.

<sup>113</sup> Não tivemos acesso à obra de Hamon para a elaboração desse trabalho. A indicação de Kehl é: HAMON, Marie-Christine. *Pourquoi les Femmes aiment-elles les hommes? (et non pas plutôt leus mère)*. Paris: Seuil, 1992.

<sup>114</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 227.

<sup>115</sup> Idem. p. 232.

## 6. Mulheres hoje

De acordo com a análise empreendida aqui, que procura compreender a visão de Freud sobre o feminino e o processo de subjetivação sexuada de um ponto de vista histórico e social, chegamos à conclusão de que conceitos centrais de teoria freudiana como o falocentrismo, o complexo de Édipo (em sentido estrito, como propõe Miguelez) e a potência da figura paterna são válidos em determinado contexto: o patriarcado. Mas o que delimita esse contexto?

Do ponto de vista do estudo das sociedades humanas, desde o século XIX a antropologia discute a existência de sociedades matriarcais ou simplesmente não-patriarcais. Alguns dos pioneiros nesse campo foram Johann Jakob Bachofen, que em 1861 publicou sua obra em três volumes: *Mother Right: an investigation of the religious and juridical character of matriarchy in the Ancient World*, na qual defendia a origem matriarcal das sociedades humanas, e Arthur Evans, que na mesma época descobriu a civilização Minoica, que caracterizou como matriarcal devido à sua religião baseada em divindades femininas. Baseado nas obras antropológicas de Henry Lewis Moegan, Friederich Engels defendeu a hipótese, em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de que o patriarcado tenha sido uma forma tardia do desenvolvimento humano, cujo aparecimento estaria relacionado à origem da propriedade privada nas sociedades humanas. Para ele, o estabelecimento do patriarcado era um advento histórico, que representou a derrota do sexo feminino. Tanto ele quanto Marx viam no ingresso das mulheres para a força de trabalho e na socialização do trabalho doméstico a possibilidade histórica de emancipação feminina.

Para além dos teóricos do século XIX, cujas hipóteses foram questionadas, outros pesquisadores já demonstraram a existência contemporânea de sociedades matriarcais, como o povoado de Mosuo, no Lago Lugu, na China, que se destaca não apenas por ser uma das sociedades matriarcais mais antigas existentes, como também pela ausência de criminalidade em seu interior. Além disso, foi amplamente demonstrada a existência de sociedades matriarcais na África. Ainda assim, no âmbito

da psicanálise é comum colocar em dúvida a existência histórica de sociedades não-patriarcais, o que é feito tanto por Roudinesco e Plon<sup>116</sup>, como por Miguelez<sup>117</sup>.

Em relação a hoje, cabe a pergunta sobre a vigência ou não do patriarcado nas sociedades democráticas de direito do ocidente. Lacan, em *Os complexos familiares*, de 1938, já afirmava que a psicanálise surge em decorrência do declínio da função paterna. O próprio Freud, em *Moral sexual civilizada...* também atenta para a vontade do homem em se agarrar aos resquícios de seu poder patriarcal que se encontrava debilitado. De fato, podemos ver uma diferença de qualidade entre o poder patriarcal da família nuclear burguesa e do patriarca romano, por exemplo. Mas essa longa decadência completou seu trajeto?

Se tomarmos uma definição jurídica estrita, como a que apresentam Plon e Roudinesco, de que

O patriarcado é um sistema político-jurídico em que a autoridade e os direitos sobre os bens e as pessoas obedecem a uma regra de filiação chamada patrilinear, isto é, concentram-se nas mãos do homem que ocupa a posição de pai fundador, sobretudo nas sociedades ocidentais.<sup>118</sup>

Então, definitivamente poderíamos dar o patriarcado como morto, já que em nossa sociedade a mulher também tem o direito de propriedade, de herança e a descendência decorre de ambos os genitores. Mas os próprios autores apontam que essa definição não responde a muita coisa, já que “(...) o sistema patriarcal raramente se apresenta com toda essa pureza, na medida em que coexiste, em numerosas sociedades, com uma filiação matrilinear, que decide sobre a pertença do indivíduo referindo-se a laços genealógicos que passam pelas mulheres.”<sup>119</sup> A sociedade tradicional judaica é um perfeito exemplo: a linearidade genealógica se decide pela mãe, porque, evidentemente, é um método mais seguro, já que pode-se afirmar com

<sup>116</sup> ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 578.

<sup>117</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 181.

<sup>118</sup> ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 577.

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*.

absoluta certeza quem é a mãe. Contudo, dificilmente se poderia chamar de não-patriarcal uma sociedade cujo livro sagrado apresente uma oração em que se diz: “agradeço todos os dias por não ter nascido mulher”, para citar apenas um pequeno exemplo.

Assim, consideramos mais pertinente a definição apresentada por Miguelez de que “(...) os sistemas patriarcais definem conjuntos axiológicos presididos pelo falocentrismo, a conseqüente assimetria entre os gêneros, sua segregação relativa, a heterossexualidade compulsória e o tabu da homossexualidade.”<sup>120</sup> Essa definição, bastante precisa, não deixa muitas margens à dúvida: o patriarcado segue existindo. Curiosamente, a própria autora fala em uma “pulverização do patriarcado”, perguntando-se se as desigualdades persistentes são “(...) restos do antigo sistema patriarcal e falocêntrico, destinados a desaparecer com o tempo”.<sup>121</sup>

O que intriga Miguelez é que, do ponto de vista legal, a simetria entre os gêneros nesses países é absoluta, mas isso não se expressa na realidade. Podemos lembrar que num dos países pioneiros a realizar as modificações legais de proteção da mulher, como o facilitamento do divórcio, da obtenção de pensão alimentícia e da legalização do aborto, que foi a Rússia pós-revolução bolchevique em 1917, seu líder, Lênin, já dizia, referindo-se à situação das mulheres: “a igualdade diante da lei não é a igualdade diante da vida”. O segredo para essa questão, já apontavam os bolcheviques, não está na legislação, mas sim na economia. O brilhante estudo da historiadora Wendy Goldman, *Mulher, Estado e Revolução*, trata dessas questões durante as primeiras décadas da revolução russa, deixando claro que mesmo em uma revolução social em que todas as estruturas de poder e econômicas são subvertidas, a ideologia e as práticas do patriarcado não podem ser eliminadas por meio de decretos ou leis. Com raízes profundas fincadas nas sociedades contemporâneas, a revolução nos modos de subjetivação, de conformação familiar, de casamentos e relacionamentos amorosos requer uma revolução contínua, permanente, no seio da sociedade.

<sup>120</sup> MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. P. 182.

<sup>121</sup> Idem, p. 192.

No caso dos países capitalistas ocidentais temos que ver que as desigualdades persistentes, como o salário rebaixado da força de trabalho feminina, a dupla jornada que pesa sobre as costas das mulheres, e inúmeras discriminações, representam diretamente mais lucro para os capitalistas. Não queremos dizer que a sede de lucro da burguesia é responsável direta por uma manutenção “artificial” de ideais patriarcais, mas sim que as condições materiais que dão sustentação ideológica a esses ideais persistem. E, como foi no caso de Freud, que apesar de suas investigações se manteve nos limites de uma mentalidade patriarcal e falocêntrica, há limites de até onde se pode avançar sem a mudança dessas condições materiais.

Se com a experiência da revolução russa podemos aprender que a mudança econômica e política não basta para dar fim ao patriarcado e ao machismo, com a experiência de sociedades capitalistas contemporâneas aprendemos que sem essa mudança radical a possibilidade de transformações nas relações sociais é ainda muito mais limitada. E ainda podemos afirmar que, quanto mais atrasada seja uma sociedade do ponto de vista de sua distribuição de riqueza, maior será a desigualdade entre homens e mulheres; não apenas do ponto de vista da lei, mas sobretudo nas questões concretas da vida. O Brasil é um exemplo fundamental disso, com índices alarmantes em todos os tipos de violência contra a mulher. Dados recentes apontam que 3 em cada 5 mulheres relatam já ter sofrido violência em seus relacionamentos; 56% dos homens admite já ter cometido algum dos seguintes tipos de agressão: xingar, empurrar, agredir com palavras, dar tapas, socos, impedir de sair de casa ou obrigar a fazer sexo; em 2014, houveram 52.957 denúncias de violência contra a mulher, sendo 27.369 (51,68%) correspondentes a violência física, 16.846 (31,81%) correspondentes a violência psicológica, 5.126 (9,68%) correspondentes a violência moral, 1.517 (2,86%) correspondentes a violência sexual, 1.028 (1,94%) correspondentes a violência patrimonial, 931 (1,76%) correspondentes a cárcere privado e 140 (0,26%) relacionadas a tráfico<sup>122</sup>. Esses dados evidentemente são subnotificados, já que se baseiam apenas em denúncias formalizadas, e muitas mulheres sequer conseguem realizar a denúncia por se encontrarem em situação de violência, sendo que grande parte (48%) afirmam que a agressão ocorre dentro de casa, por seus maridos, pais,

<sup>122</sup> Dados obtidos em <http://www.compromissoeatitude.org.br>

irmãos (80% dos casos são relacionados a algum homem com quem têm ou tiveram vínculo afetivo) e 77% sofrem a violência de forma diária ou semanal. Isso sem falar na ainda recorrente naturalização da violência machista ou misógina, que faz com que em grande parte das vezes as vítimas e as pessoas com quem convivem sequer tenham consciência de que elas estão sendo vítimas de crimes.

No caso dos feminicídios, o Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil indica que, de 2001 a 2011, o índice de assassinatos de mulheres aumentou 17,2%, contando com mais de 48 mil mulheres mortas nesse período, sendo aproximadamente um terço como fruto da violência doméstica. Apenas em 2011, foram 4,5 mil feminicídios no país. Além disso, os dados não são estimulantes para que as mulheres formalizem as denúncias: apesar da grande euforia em torno da Lei Maria da Penha, aprovada em 2006, e considerada pela ONU a terceira melhor legislação do mundo de defesa da mulher, pesquisa feita pelo Ipea demonstrou que não houve redução da taxa de mortalidade com a aprovação da lei. Entre 2001-2006, a taxa de mortalidade de mulheres por agressões foi de 5,28 por 100 mil mulheres; após a aprovação da lei, entre 2007-2011, foi de 5,22 por 100 mil mulheres<sup>123</sup>. Portanto, a impunidade entra também como um fator preponderante para a perpetuação dessa situação, o que denota que a ideologia patriarcal está introjetada em cada instituição do estado, particularmente em instituições de violência e repressão organizadas, como a polícia.

Existe ainda uma outra fonte de mortalidade feminina na qual a responsabilidade do estado brasileiro é ainda muito maior: trata-se das mortes que ocorrem em decorrência de abortos clandestinos, ou seja, fruto direto da proibição do aborto e da impossibilidade de realizar esse procedimento em segurança pelo SUS. Estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que no Brasil possivelmente mais de um milhão de mulheres realizem abortos a cada ano, de maneira ilegal e sem condições, o que leva a uma elevada taxa de mortes, chegando a ser a quinta causa de morte materna no país. Segundo estudo realizado em 2013, uma em cada cinco mulheres com mais de 40 anos já realizou pelo menos um aborto, o que

<sup>123</sup> Dados extraídos de

[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925\\_sum\\_estudo\\_femicidio\\_leilagarcia.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf)

permite estimar que cerca 7,4 milhões de brasileiras já realizaram o procedimento.<sup>124</sup> As consequências disso não são apenas as mortes, as dores, mas também as consequências psicológicas de ter que recorrer a um procedimento perigoso e clandestino para decidir sobre seu próprio corpo e sua maternidade.

Outras formas de violência contra a mulher são recorrentes em nossa sociedade. Deixando de fora todo o peso subjetivo do patriarcado, que vai desde a educação para as características “femininas” já apontadas por Freud, como a passividade, o recato etc, até a posição de objeto sexual que se procura dar às mulheres em espaços públicos, podemos falar da questão econômica. Estudo recente da Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontou que entre 46 países pesquisados, o Brasil aparece empatado com o Chile na primeira posição em relação à desigualdade salarial entre homens e mulheres. No caso de uma mulher com educação superior, a média é de um salário equivalente a 62% daquele de um homem em igual situação<sup>125</sup>. Podemos supor que a diferença se acentua conforme decresce a escolaridade. Esse cenário, além de colocar as mulheres em situação de maior vulnerabilidade social, ainda aumenta sua dependência material em relação a seus maridos, que muitas vezes são seus agressores. É mais uma forma de impor às mulheres o “sucesso” da formação familiar tradicional.

Há ainda uma outra fonte de violência contra as mulheres que é particularmente pertinente à psicanálise, e que apenas recentemente começou a ser reconhecida socialmente: a transfobia. Essa forma particular de discriminação refere-se às diversas formas de preconceito que recaem sobre as mulheres transexuais e travestis, ou seja, mulheres cujo corpo biológico/anatômico em seu nascimento era de homem, mas sua identidade de gênero é feminina. Se na época de Freud a transexualidade era um fenômeno desconhecido, hoje ela tem reivindicado um espaço e atenção cada vez maiores, colocando a violência transfóbica em evidência. Se podemos reivindicar à psicanálise o mérito de ter cunhado o termo “gênero”,

<sup>124</sup> Dados extraídos de <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/EXPRESSAO-NACIONAL/478093-ABORTO-E-UM-DOS-PRINCIPAIS-CAUSADORES-DE-MORTES-MATERNAS-NO-BRASIL.html>

<sup>125</sup> Dados extraídos de: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/11/24/brasil-tem-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres.htm>

colocando uma cunha entre o corpo anatômico e a identidade psíquica masculina ou feminina, quando isso ocorre persiste ainda uma visão patologizante da condição transexual que vigora ainda hoje. Essa forma específica de violência ainda é exercida pela autoridade médica e muitas vezes corroborada por psicanalistas.

O termo “disforia de gênero” é a nomenclatura médica oficial designada por manuais como o DSM e o CID para nomear a suposta “doença” da qual sofrem os e as transexuais – o termo “transexualismo” é utilizado para designar também do ponto de vista patológico, e o movimento LGBT reivindica a utilização de “transexualidade” em seu lugar. Assim, para que possam passar pelo tratamento hormonal, o procedimento cirúrgico e a mudança legal de nome que possibilitam aproximar seu corpo anatômico da identidade que reivindicam, as transexuais devem se submeter ao chamado “protocolo transexualizador”, que exige no mínimo dois anos de acompanhamento com psiquiatra, endocrinologista, assistente social e psicólogo. Se esses especialistas estiverem de acordo, então o paciente pode iniciar o tratamento. Ainda que nem todas reivindiquem a mudança em seu corpo, todas as que querem fazê-lo devem passar por esse processo de viés patologizante, obtendo o aval de especialistas que supostamente detêm um saber que a própria pessoa não tem sobre a sua identidade de gênero. Isso remete diretamente à discussão feita por Foucault acerca do biopoder, do poder regulador da medicina e outras instituições sociais sobre nossos corpos, nossos desejos e sua normalização social.

Mesmo nos casos em que não se reivindica a mudança corporal, uma demanda básica das mulheres trans é o reconhecimento de sua identidade de gênero. No estado de São Paulo, por exemplo, desde 2011 vigora o decreto 55588, que supostamente obriga as instituições de ensino e escolas a utilizar o “nome social” das trans (o nome que adotaram de acordo com o gênero que reivindicam) nos documentos. Mas, mesmo em instituições que adotaram o procedimento com muito custo, como as universidades estaduais paulistas, o nome de registro é colocado ao lado. A utilização do nome de registro é quase sempre uma violência psíquica imensa contra as trans, que ao serem obrigadas a pronunciá-lo muitas vezes apresentam sintomas como pânico, ou sentem-se humilhadas.

Isso não quer dizer, é claro, que as coisas estejam como nos tempos de Freud. Muito pelo contrário, o avanço nos direitos das mulheres e dos LGBTs é paralelo ao avanço das concepções teóricas que temos a seu respeito. E, como disse Kehl, “embora fosse impensável para Freud a mudança no feminino, a psicanálise fez parte dela.”<sup>126</sup> A partir do ponto de partida da instituição do psíquico no processo de subjetivação sexuada, foi possível às gerações posteriores a Freud exercer a crítica do fundador da psicanálise. Assim, por exemplo, foi com Robert Stoller, psicanalista americano que introduziu a noção da diferença entre sexo e gênero, fundamental não apenas para a psicanálise, mas para a discussão da transexualidade como um todo.

Evidentemente, a evolução da psicanálise não seguiu um caminho unívoco, e deu origem ao que Miguelez classifica como uma psicanálise que se atribui uma função “ortopédica”. Essa vertente é justamente aquela que, longe de entender o sentido das contribuições freudianas, viu suas elaborações teóricas como dogmas, como regras de desenvolvimento psíquico que devem ser seguidas para o “bom funcionamento” do sujeito. Segundo essa concepção, o declínio da função paterna na sociedade contemporânea levaria a um *laissez-faire* psíquico que deixaria os sujeitos órfãos de qualquer tipo de interdição, o que levaria à formação de psiquismos psicóticos, perversos e *borderlines*. Para esse tipo de analista, a função do processo analítico estaria em “consertar” os pacientes, dando ele, do alto de sua “adequação” à função paterna, a orientação para corrigir esses defeitos morais/psíquicos.

Há uma relação mais estreita do que podemos inferir à primeira vista entre essa vertente moralista e “ortopédica” da psicanálise e os dados referentes à violência contra as mulheres no país. Se pararmos para refletir sobre o que nos apresentam as estatísticas, veremos que as causas fundamentais de agressões e morte são os relacionamentos dos homens com as mulheres – sejam familiares ou amorosos –, a interrupção clandestina da gravidez e a transfobia. A visão apresentada por Freud colocava o casamento, e ainda mais a maternidade, como destinos “naturais” das mulheres, com o filho tomando o lugar do falo em seu psiquismo. Essa ideia do lugar “natural” da mulher é o pilar estruturante do patriarcado, e até hoje a visão de que as

<sup>126</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008. P. 257.

mulheres “precisam” ser mães e esposas é a principal causa da violência que é cometida contra elas. São os homens que se julgam seus “donos”, sejam pais, irmãos ou maridos, que as agridem; é a imposição social forçada da gravidez e do “dever natural” de ser mãe que as impede de decidir sobre seus corpos e realizarem abortos legalizados e seguros. No caso das transexuais e travestis, o conceito de “natural” aplica-se a seu próprio corpo e identidade de gênero, levando a que sofram agressões morais, psíquicas e físicas por não estarem de acordo com o padrão “natural” – na verdade um padrão conformado social e historicamente – do que é uma mulher em nossa sociedade.

Portanto, o que devemos superar é a visão de que há um lugar “natural” para as mulheres, ou mesmo um tipo biológico “natural” de mulher, e que o dever do analista é, por exemplo, ajudar essas mulheres “naturais” a aceitar a castração e que o filho terá o lugar mais próximo do falo masculino para elas. Em virtude de todo tipo de agressões e violências que sofrem, é muito possível e provável que mulheres possam desenvolver doenças psíquicas. Como a histeria era um grito do inconsciente contra a impossibilidade das mulheres de serem sujeitos em sua época, hoje as depressões, o pânico, as fobias, os distúrbios alimentares, entre tantas outras doenças que acometem com mais prevalência as mulheres, expressam, em algum grau, um tipo de opressão patriarcal que se manifesta no indivíduo por meio de conflitos psíquicos. Que essas mulheres encontrem espaço para se colocar como sujeitos, entendendo seu lugar individual e social diante dessas questões, como sua própria história faz parte disso e as decisões que podem tomar em sua vida diante desse cenário, talvez seja um pouco mais próximo do papel que a psicanálise pode cumprir para que as mulheres tenham a seu alcance os meios para lidar com seus conflitos psíquicos.

### Referências bibliográficas:

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Escala, 2009.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A Vontade de saber (volume I)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. (1895). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905) In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. Fragmento da análise de um caso de histeria (1901). In: *Obras Completas, volume VII*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. Moral sexual “civilizada” e nervosismo moderno. (1908) In: *Obras Completas, volume 8*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913). In: *Obras Completas, volume XIII*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão (1927). Porto Alegre: L&PM, 2013.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras Completas, Volume XVI*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). (1923) In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. O Ego e o Id. In: *Obras Completas. Volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo. (1924) In: *Obras Completas, volume XIX*. Rio de Janeiro, Imago.
- \_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925) In: *Obras Completas. Volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras Completas, volume XVI*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. (1930) In: *Obras Completas volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 68-69.

\_\_\_\_\_. Sexualidade feminina. (1931) in: *Obras Completas. Volume XXI*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. Conferência XXXIII. Feminilidade. (1933) In: *Obras Completas, volume XXII*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: *Obras Completas, vol. XXIII*. Rio de Janeiro: Imago.

GOLDMAN, W. *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Iskra/Boitempo, 2014.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MIGUELEZ, Nora B. Susmansky de. *Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

POMMIER, G. *A Exceção Feminina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

\_\_\_\_\_. *O combate sexual da juventude – Comentado* (Seleção, notas e apresentação: Gilson Dantas. Brasília: Centelha Cultural, 2011.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. Quem matou o pai? in: *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.

STRACHEY, J. Introdução a Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras Completas. Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1986